

BLIMUNDA LITERATURA

CAPITÃO EM VIA
GEM

NOVIDADES
NA FEIRA
DO LIVRO FALCÃO

O ELEFANTE SALOMÃO

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESCRITOR

Falámos muito ao longo destes últimos anos (e felizmente continuamos a falar) dos direitos humanos; simplesmente deixámos de falar de uma coisa muito simples, que são os deveres humanos, que são sempre deveres em relação aos outros, sobretudo. E é essa indiferença em relação ao outro, essa espécie de desprezo do outro, que eu me pergunto se tem algum sentido numa situação ou no quadro de existência de uma espécie que se diz racional. Isso, de facto, não posso entender, é uma das minhas grandes angústias. O Ensaio sobre a Cegueira tem alguma parte na expressão dessa angústia. E contudo, não fico nada resolvido depois de eu ter escrito o Ensaio sobre a Cegueira, é uma angústia que se mantém. Volto a dizer com toda a franqueza: não compreendo, não sou capaz de compreender.

José Saramago in *Diálogos com José Saramago*, de Carlos Reis

04

**O dever dos
nossos deveres**

Editorial

06

**Leituras
do mês**

Sara Figueiredo Costa
Ricardo Viel

11

Estante

Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

15

**Reportagem
Lev**

Sara Figueiredo Costa

22

**A Viagem
- Retratos**

Pedro Loureiro

34

**Cinema
Capitão Falcão**

João Monteiro

46

**O Elefante
Salomão**

Fernando Alves

53

**Novidades
na Feira**

Andreia Brites

66

Dicionário

Rui Andrade
Raquel Salgueiro

67

Espelho Meu

Andreia Brites

70

Notas de Rodapé

Andreia Brites

71

**A (Des)construção
do Escritor**

Ana Paula Arnaut

91

Agenda

O dever dos nossos deveres

Entre os dias 24 e 25 de junho meia centena de académicos, intelectuais e pensadores de várias nacionalidades reunir-se-ão na Cidade do México com o intuito de (debater sobre e) elaborar uma proposta de Carta dos Deveres Humanos a ser encaminhada à Organização das Nações Unidas. O encontro, organizado pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) e a World Future Society – Capítulo Mexicano, com o apoio da Fundação José Saramago, parte de uma ideia manifestada pelo escritor português por alturas do Prémio Nobel de Literatura. No dia 10 de Dezembro de 1998, quando se completavam 50 anos sobre a promulgação da Declaração Universal dos Direitos

Humanos, José Saramago disse: «Foi-nos proposta uma Declaração Universal de Direitos Humanos, e com isso julgámos ter tudo, sem repararmos que nenhuns direitos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem, o primeiro dos quais será exigir que esses direitos sejam não só reconhecidos, mas também respeitados e satisfeitos.» E perante as autoridades presentes no Banquete do Nobel, o autor de *Levantado do Chão* lançou um desafio: «Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.»

No próximo mês, na capital mexicana, será dado o primeiro passo para que o desejo de José Saramago se torne palpável. «Acreditamos que chegou o momento de estabelecer os deveres que são a contrapartida dos direitos pelo quais tantos lutaram», diz o texto que apresenta o Congresso *Prospectiva del Mundo*, que abrirá com uma intervenção de Pilar del Río. Abraçamos esse projeto com a esperança de que a elaboração de um documento que estabeleça deveres signifique, ao mesmo tempo, um fortalecimento na proteção dos direitos humanos. Para que o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor, exijamos não só o respeito pelos direitos fundamentais, mas assumamos também a obrigação de cumprir com os deveres.



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794



ONDE ESTAMOS

WHERE TO FIND US

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ
SARAMAGO
FOUNDATION
CASA DOS
BICOS

Graneña

O Irmão Alemão Chico Buarque e a armadilha da biografia

A propósito da edição argentina do seu mais recente romance, *O Irmão Alemão*, Chico Buarque dá uma entrevista à revista *Ñ* onde fala sobre a matéria biográfica que deu origem ao livro. A procura por um irmão nascido na Alemanha e cuja existência só se confirmou já na idade adulta do autor é o ponto de partida para a narrativa de *O Irmão Alemão* e, apesar de este ser um trabalho ficcional, Chico Buarque não esconde que muitos outros factos serviram de inspiração para construir este livro:

«- El padre de la ficción lee, toma y canta y la casa es una biblioteca.

- La casa de la novela es muy parecida a mi casa paterna. En su escritorio la ventana no se abría porque estaba cubierta de libros. Era un intelectual, un bohemio, le gustaba mucho leer y escribir, cantaba. Le gustaba mucho, mucho la música. Eso está en



la sangre. No es casualidad que Sergio Günther haya sido cantante. Yo pensaba: "tengo un hermano que no sabe nada de nosotros y puede ser tornero mecánico, puede ser cualquier cosa", pero no, era cantante. Increíble."



Quinta edição A Granta a «Falhar melhor»

A quinta edição da *Granta* portuguesa, uma edição da Tinta da China com direção de Carlos Vaz Marques, reúne trabalhos de dezasseis autores sob a égide de Samuel Beckett e da frase mítica por si cunhada: «Tentar outra vez. Falhar outra vez. Falhar melhor». A literatura tem, como se esperaria, a primazia do espaço, com textos de Bruno Vieira Amaral, Cláudia Clemente, Pedro Mexia ou Paulo Varela Gomes, entre os portugueses, e Jonathan Franzen, Herta Müller ou Gore Vidal entre os estrangeiros. A

fotografia está, neste número, entregue a Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot, e a ilustração ficou a cargo de Catarina Sobral. Jorge Colombo assina a capa, com uma figura humana de tal modo suspensa entre dois prédios que não sabemos se o falhanço será definitivo ou se haverá tempo para nova tentativa. Um excerto do editorial: «Habitamos uma terra de mortos, mais deles do que nossa. Eles são mais, muitos mais. Demógrafos e matemáticos coincidem nos cálculos. É apenas uma estimativa, é certo. A mais recente, com dados de 2011. Ao todo, terão passado pela face deste planeta cento e oito mil milhões de almas. Somos, hoje, ainda, menos de sete por cento das pessoas nascidas desde o princípio dos tempos.»





Banda desenhada **Três autores para** **o Próximo Futuro**

A Fundação Calouste Gulbenkian recebeu, no passado dia 15 de maio, três autores de banda desenhada em mais uma sessão integrante do programa Próximo Futuro. No site Buala, o crítico Pedro Moura, responsável pela programação deste painel, escreve sobre as razões de reunir Posy Simmonds, Anton Kannemeyer e Marcelo D'Saete à volta da mesma mesa e sobre as ligações, tensões e diálogos em torno daquilo a que chamamos banda desenhada contemporânea. Antes de tudo, uma ressalva importante: «Os três autores convidados para o encontro sobre Banda Desenhada neste Próximo Futuro não estão em "representação" dos seus países, línguas, géneros, tipos de Banda Desenhada, ou sequer dela mesma enquanto disciplina. O trabalho de um autor a ele ou ela pertence, sendo depois possível fazer várias associações e integrações, e esperamos

que aquelas permitidas pela obra de Posy Simmonds, Anton Kannemeyer e Marcelo D'Saete criem um escopo alargado.» Mais adiante, escreve Pedro Moura: «Sob esta ótica sobressaem as diferenças entre os autores mas que, conseqüentemente, revelam a natureza múltipla e mutante da Banda Desenhada. Independentemente da sua relação histórica com uma (para-)literatura marcada por características "menores" tais como a serialização, a "estereotipificação" dos seus esquemas de representação e estruturação, ou a segmentação dos seus públicos e géneros, a sua produção contemporânea atomizou de modo dramático essa consideração histórica (e algo incompleta, de resto). Ao contrário de uma perceção social ainda comum, informada por anos de produção de entretenimento infantojuvenil, e uma certa nostalgia dos seus defensores mais "fanáticos" (i.e., não-críticos), a banda desenhada como um todo não é, nem poderia ser, uma mole homogênea. A um só tempo,

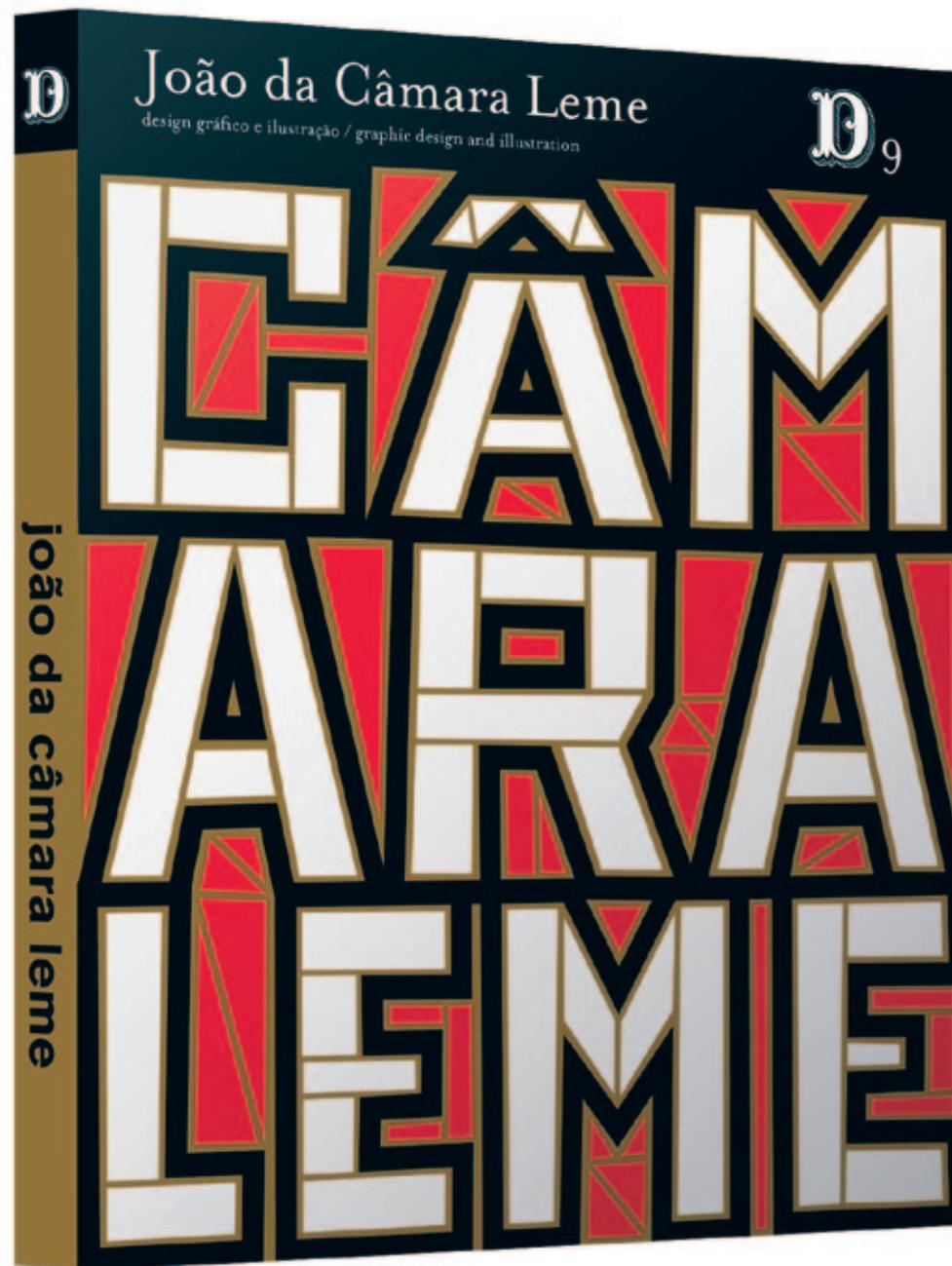
porém, é possível interrogá-los e, independentemente das nações, línguas, sexos, idades, formatos, géneros e estilos, encontrar algumas características comuns, provocadoras, interpelantes e até passíveis de serem vistas como "micro-resistências" a discursos hegemónicos veiculados noutras linguagens. De uma forma ou outra, sob a capa da ficção ou da paródia, de relatos melancólicos ou um humor desabrido, de uma maneira ambivalente ou patente, estes são alguns dos autores que abrem espaços para novas vozes se expressarem neste meio.»



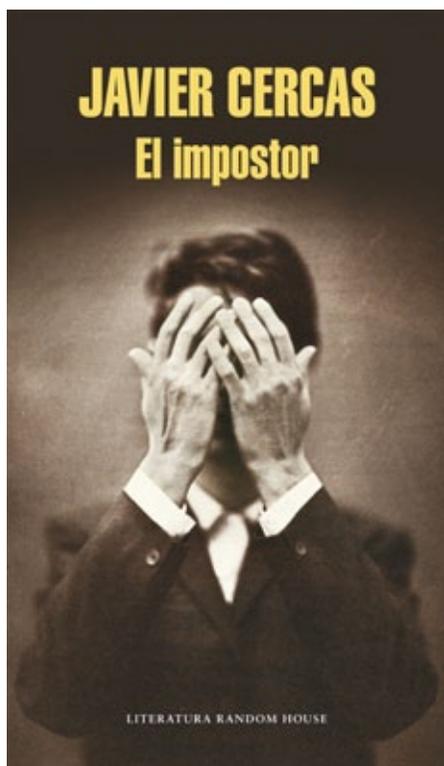
Câmara Leme **Um capista de** **exceção**

A propósito do lançamento de mais um volume da Coleção D, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, desta vez dedicado ao trabalho de João da Câmara Leme, Pedro Piedade Marques, que assina o prefácio, publica no seu blog (Montag) o texto que serviu de apresentação pública do livro. Designer cujo trabalho como capista marcou profundamente a edição portuguesa, João da Câmara Leme tem agora o merecido reconhecimento numa coleção dedicada ao design português, ficando uma amostra considerável do seu portefólio disponível para quem queira conhecer o trabalho de um dos mais interessantes capistas portugueses de sempre. Escreve Pedro Piedade Marques: «[...] um portefólio destes, raríssimo em qualquer país, não se faz por geração espontânea ou num vácuo estético, mas é antes fruto de uma relação, quando não de uma dialética

complexa e diária entre um designer e um encomendador, e que, quando este tem as qualidades de Agostinho Fernandes, o todo-poderoso proprietário da Portugália, pode muito bem acontecer uma década de trabalho intensivo e prodigioso como a que este livrinho documenta. Fernandes, que encomendara já serviço ao melhor capista em Portugal na década de 30 e 40, o suíço Fred Kradolfer, e convivera com a nata do Modernismo português, era um cliente erudito e experiente, certamente muito exigente, e mantê-lo satisfeito durante mais de 10 anos com um trabalho que ia das ilustrações infantis às capas dos ubíquos livros de bolso é um feito de feições hercúleas. Que alguém tão modesto, tão pacato, tão “contido”, quase invisível (se compararmos o seu com o portefólio eclético dos seus companheiros de geração Sebastião Rodrigues ou Victor Palla), de uma modéstia quase artesanal, tenha conseguido fazê-lo é algo não menos digno de espanto.»



El Impostor **Javier Cercas** **Randon House**



Um romance sem ficção, é assim que o espanhol Javier Cercas define o seu mais recente livro, *El Impostor*. Trata-se da história de Enric Marco (Barcelona, 1921), um catalão que participou em batalhas heroicas durante a Guerra Civil espanhola, sobreviveu aos horrores dos campos de concentração nazis e lutou clandestinamente durante décadas contra o regime franquista. Até que em 2005, depois de ter participado em centenas de homenagens, de ter proferido uma infinidade de discursos e conferências e de ter presidido à principal entidade espanhola de sobreviventes do Holocausto, foi desmascarado por um historiador. Marco havia inventado ou engrandecido quase toda a vida que dizia ser sua. Por exemplo, só esteve no campo de concentração de Flossenbürg décadas depois do seu encerramento e quando já havia assumido o falso papel de sobrevivente.

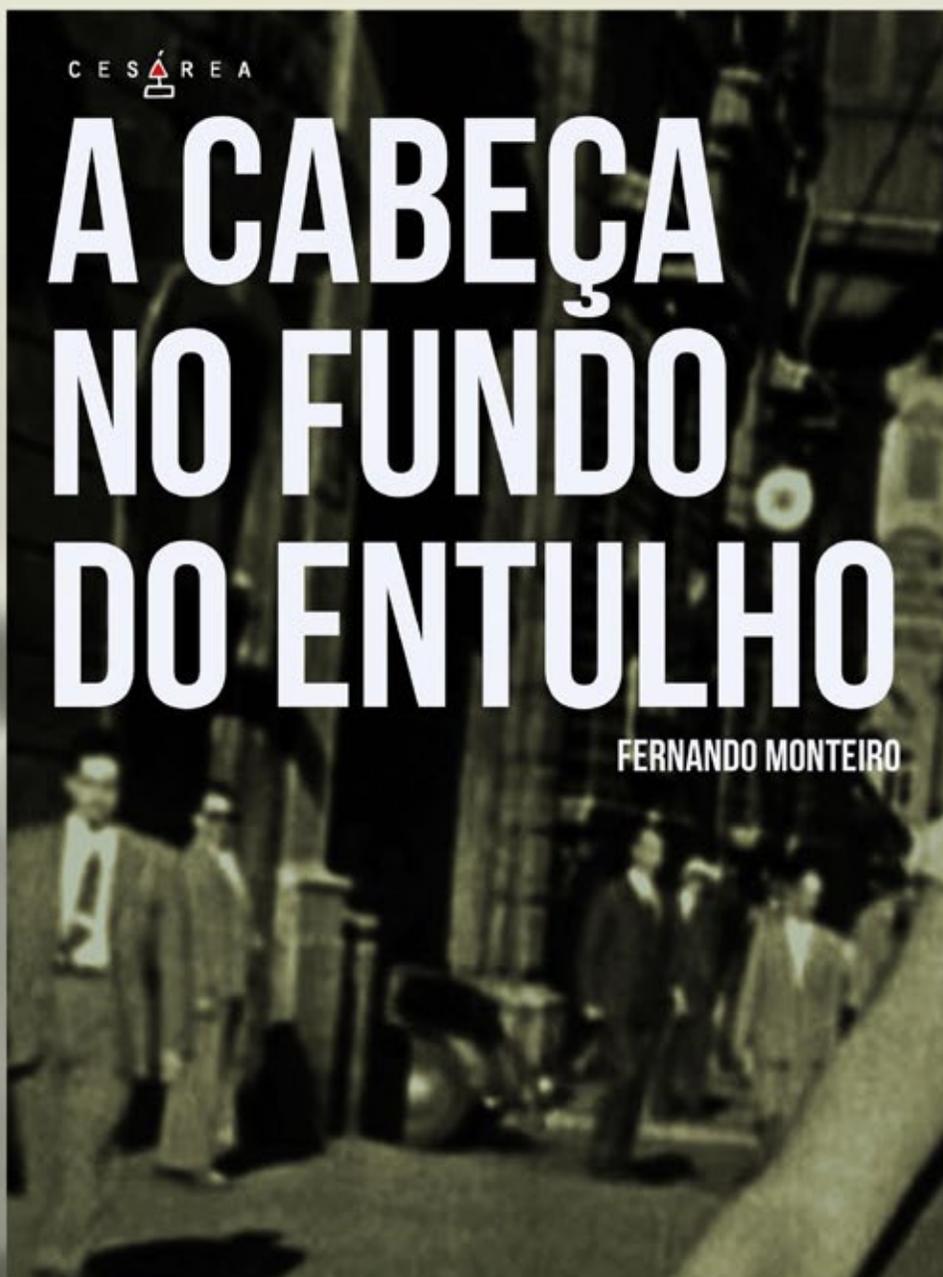
Desde que a escutou, Javier Cercas ficou obcecado pela história, mas demorou sete anos para decidir escrevê-la. "Eu

não queria escrever este livro", dispara no começo do seu romance sem ficção. Tinha medo, confessa. Medo de colocar o dedo na ferida, não só no que diz respeito ao impostor – que o ajudou a escrever o livro e lhe deu dezenas de entrevistas – mas medo de todos nós, a começar por si. "Quando encontrei o covil de Enric Marco deparei-me com algo muito fundo, escuro e perigoso: afinal ali estava eu. E você. E todos os que estão lendo esta entrevista, e os que não estão também", disse Cercas ao jornal *El Tiempo*.

Durante o romance Javier Cercas intercala a história de Marco – a inventada e a real (ou o que é possível saber-se dela) – com o processo de escrita do livro. O relato descreve como Javier Cercas – com a ajuda de várias dezenas de pessoas – vai destapando, uma por uma, as mentiras do impostor, e também todas as dúvidas quanto à "utilidade" do romance e dos sentimentos que o escritor tem perante o homem que enganou, durante décadas, todo um país. A ficção salva e a realidade mata.

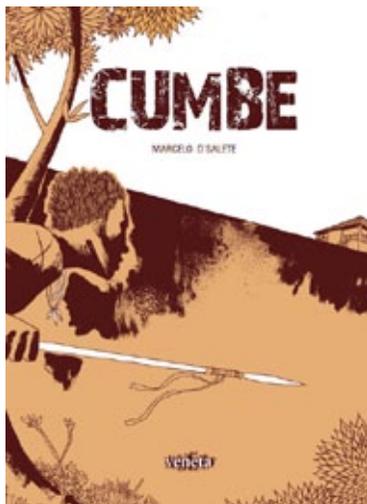
É uma das afirmações que Cercas repete várias vezes – outra é a frase de Faulkner sobre o passado: "O passado não existe, nem sequer é passado" –, mas quando a ficção transborda e afoga a realidade o que fazer? É o caso de Marco, que ao modo de Dom Quixote decidiu viver outra vida. Deixou de ser aquele que sempre esteve com a maioria – como o define Cercas –, um homem medíocre, que abandonou a família, que foi parar na cadeia por praticar crimes comuns, que vivera uma vida comum e corrente, e de repente forjou outra existência, heroica e invejável.

Se todos somos romancistas das nossas próprias vidas, e a cada vez que as contamos alteramos, suprimimos, engrandecemos alguns atos e gestos, todos somos um pouco Enric Marco, conclui Javier Cercas. Ele, que num diálogo ficcional do livro, é acusado por Marcos de escrever esta história pelo mesmo motivo que levou o impostor a falsear uma vida: por vaidade e para ser querido e admirado.



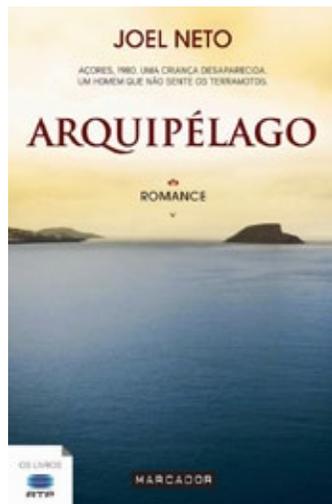
UMA ESPIONAGEM CANASTRONA POR UMA ROMA QUE NÃO SUSTENTA MAIS SUA LENDA, UM PRÊMIO NOBEL PELOS SUBÚRBIOS DO RECIFE... UM UNIVERSO EM DESCONSTRUÇÃO NESSE SEGUNDO ROMANCE DE FERNANDO MONTEIRO, QUE GANHOU PRÊMIO BRAVO DE LITERATURA DE 1999.

CESAREA.COM.BR



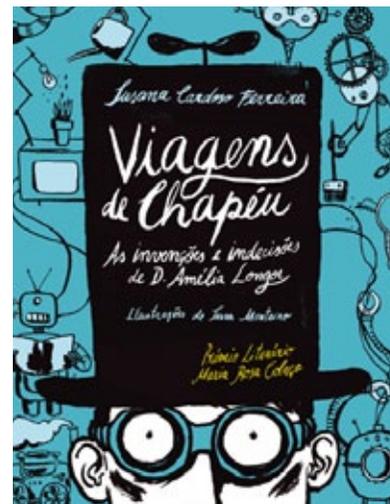
Cumbe
Marcelo D'Saete
Polvo

Banda desenhada do autor brasileiro Marcelo D'Saete, *Cumbe* é uma narrativa de resistência, mostrando a dureza e a repressão impostas pela escravatura e os modos possíveis de contrariar esse sistema, sem o romantismo que parece querer fazer acreditar que pouco foi preciso para acabar com as sanzalas, os chicotes e o trabalho de sol a sol sem direitos. O traço de D'Saete, assente em planos rápidos e mudanças de foco que tiram o melhor partido da elipse, combina-se com um texto curto e sem floreios, compondo um quadro que ilustra a brutalidade humana e a beleza natural com a mesma força impiedosa.



Arquipélago
Joel Neto
Marcador

Novo romance de Joel Neto, com os Açores como pano de fundo, *Arquipélago* acompanha o crescimento de José Artur Drumonde, a criança que um dia testemunhou o abalo da terra na ilha Terceira sem nunca ter sentido a terra tremer. Já adulto, o regresso à casa do avô e à terra que o viu nascer será o ponto de viragem numa vida que parecia sem rumo e numa narrativa que promete o fôlego dos grandes romances e o mistério que a paisagem açoriana parece conter.



Viagens de chapéu, as invenções e indecisões de D. Amélia Longor
Susana Cardoso Ferreira,
ilust. Susa Monteiro
Oficina do Livro

Tudo começa com duas viagens insólitas comandadas por cartolas que transportam dois adolescentes diretamente de Portugal para um vulcão inativo algures no Pacífico. A descoberta do fantástico mundo de invenções é relatada por Baltazar e Ema, intercalada com diálogos provocatórios entre os parceiros de ocasião. Foi com esta narrativa que Sara Cardoso Ferreira, venceu a edição de 2014 do prémio literário Maria Rosa Colaço, atribuído pela cidade de Almada.



Fado Tropical
Marcos Cardão
UniPop

Um livro sobre o Brasil que procura refletir sobre as questões da identidade sem ceder ao lugar comum, mas tirando partido dele para melhor compreender o país. A partir de aspetos da chamada cultura popular, como a música, o futebol ou os concursos de beleza, *Fado Tropical* analisa os processos de construção das identidades, bem como as lições mais ou menos claras deixadas por conceitos como o luso-tropicalismo, o folclore e o pós-colonialismo.



Montanhas
Madalena Matoso
Planeta Tangerina

O que escondem e revelam as montanhas? Num formato muito maior do que a média, este caderno de desenho desafia o leitor a visualizar, perspetivar e estruturar diversas respostas visuais a partir da ilustração das montanhas. A cada uma, a autora dá uma configuração específica, com desenho, colagem, linhas e pontos de geometrias distintas. O leitor – ilustrador é convidado a preencher espaços de acordo com instruções específicas, de ordem temática e técnica, de modo a que, no final do livro, a semântica da montanha tenha também uma pluralidade de dimensões.



A Verdade de Cada Um
Amir Labaki (org.)
Cosac Naify

Antologia que reúne trinta e dois artigos de alguns dos mais conceituados realizadores de documentários. Os textos são de natureza muito diversa, havendo espaço para o ensaio e para a autobiografia, passando pelo manifesto ou pela listagem, mas todos concorrem para uma reflexão plural sobre as fronteiras daquilo a que chamamos documentário ou sobre a impossibilidade de delimitar essas fronteiras de um modo claro e definitivo.



Galo Gordo - O Mundo é Redondo
Inês Pupo (texto)
Gonçalo Pratas (música)
Cristina Sampaio (ilustração)
Porto Editora

É o terceiro trabalho desta dupla que dá sequência às narrativas em verso sobre o quotidiano e o mundo a partir do olhar infantil. Desta feita são os momentos risíveis o mote para os poemas: o banho, uma viagem, o mundo ou as mãos, o que se vê da janela ou como é gigante o quarto. Se «a vida é feita de pequenos nada» são eles que contribuem para a felicidade de cada um, assim se explica na introdução. O livro faz-se acompanhar pelo CD com os poemas musicados e cantados pelos autores.



Una vez Argentina
Andrés Neuman
Alfaguara

Nova edição de um dos grandes livros de Andrés Neuman, enriquecida com novos episódios, acrescentos e alterações várias. *Una vez Argentina* é a saga dos emigrantes que, chegados de muitas partes do mundo, ajudaram a redefinir um país. Ao longo do século XX, serão estes os personagens que estruturam esta saga, onde as vozes e as vidas dos que chegaram de novo se não de cruzar com as memórias de infância de um narrador que deve quase tudo à autobiografia e aos seus modos de reinventar quem escreve através da ficção.

GRANTA

PORTUGAL | 5

Falhar melhor

GRANTA 5 | Falhar melhor

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES | MAIO DE 2015

«Falhar melhor. O temperamento de cada um ditará se há na expressão de Beckett pessimismo, optimismo ou resignação. Ela é de tal modo poderosa, que corre o risco de vir a banalizar-se. Talvez já esteja à beira do lugar-comum. Dá bons títulos. [...]

O desafio lançado aos autores que fazem este número está contido na brecha aberta entre o optimismo e o pessimismo, entre a ideia de falhar e a perspectiva de aperfeiçoamento. Um salto sem rede.» —CVM

TEXTOS

Bruno Vieira Amaral, Rui Ângelo Araújo, Joana Bértholo, Cláudia Clemente, Jonathan Franzen, Paulo Varela Gomes, Howard Jacobson, Pedro Mexia, Herta Müller, Jacinto Lucas Pires, Simon Schama, Gore Vidal

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot

ILUSTRAÇÕES

Catarina Sobral

CAPA

Jorge Colombo

Receba 4 números da GRANTA com 25% de desconto.
Portugal: 54€ | Europa: 74€ | Resto do mundo: 86€

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

LITERATURA EM VIAGEM:
ENTRE A DEVOÇÃO E O DEBATE



SARA FIGUEIREDO COSTA

Há mais de seis séculos que as gentes de Matosinhos se reúnem para celebrar um suposto milagre, envolvendo uma imagem religiosa que terá dado à costa sem um braço e a espantosa recuperação desse membro perdido por uma mulher que caminhava pelo areal. Ou talvez se reúnam para celebrar a vida, a imparável sucessão dos meses e das estações, a aproximação do estio e, mais adiante, de uma nova época de colheitas. Serão diversos os motivos que levam os romeiros até à Igreja do Senhor de Matosinhos e os outros às barrquinhas de comida, loiças e diversões, mas certo é que a Festa do Senhor de Matosinhos continua a reunir, anualmente, muitos milhares de pessoas, constituindo um dos momentos altos das celebrações populares do Norte de Portugal.

Apesar da importância deste momento anual, não foi a romaria ou a procissão que levaram a *Blimunda* a Matosinhos, foi antes uma outra festa, menos sonora e luminosa, mas ain-

da assim capaz de entusiasmar muitas centenas de pessoas. A poucos metros do recinto do Senhor de Matosinhos, a Biblioteca Municipal Florbela Espanca acolhia o Literatura em Viagem (LeV), festival literário que dedicou a sua nona edição ao tema do conflito, assinalando os setenta anos passados sobre o fim da Segunda Guerra Mundial. Ao longo de três dias, autores portugueses e de outras paragens reuniram-se em mesas de debates, conversaram sobre conflitos ideológicos ou artísticos, trocaram duas ou três ideias com o público que os procurou. Não sabemos se todos terão experimentado as Fatias de Resende ou as bolas de carne que se vendiam ali a dois passos, mas alguns, pelo menos, testaram a habilidade nas mesas de matraquilhos da feira e puderam ver a Igreja do Senhor de Matosinhos, obra do arquiteto Nasoni, engalanada de luz e cor.

O LeV começou por ser um festival dedicado à literatura de viagens, essa categoria imprecisa onde cabem as grandes travessias do globo ou as deambulações feitas entre quatro paredes. De certo modo, a temática marcou a identidade deste acontecimento, que nos últimos anos tem vindo a derivar

para um entendimento ainda mais amplo e difuso do que é ou não é a viagem. Para Fernando Rocha, vereador da cultura da Câmara Municipal de Matosinhos, a organizadora do festival, essa deriva não tem razão de ser. À *Blimunda*, o vereador afirmou que «esse é o debate que temos desde a primeira edição. Escolhemos o nome Literatura em Viagem porque assumimos a viagem como um tema onde cabe tudo. Podemos viajar de muitas maneiras e o que queríamos fazer era essencialmente um encontro com escritores que promovesse o debate, sobre temas atuais ou menos atuais. De maneira que não acho que haja aqui uma deriva. Se nos cingirmos ao título e se formos muito puristas, fica essa ideia, mas há muitos tipos de viagem e os livros são disso exemplo.» Da parte do público, não parecem existir quaisquer constrangimentos sobre o assunto. A afluência é grande, com casa cheia em quase todos os debates, e a ideia de viagem acaba por estar presente de um modo ou de outro, quando Richard Zimler fala na ida a Berlim e na hipocrisia das visitas ao Museu do Holocausto entendidas como um modo de «sentir o que os prisioneiros dos campos de concentração nazis sentiram» ou quando Cătalîn Dorian Florescu refere as transições cons-

tantes entre as paisagens da sua Roménia natal e as da Suíça, onde reside há vários anos.



17

e muitos debates se fez esta nona edição do LeV, da política à arte, do jornalismo à literatura, sempre com a ideia de conflito como pano de fundo. A abrir a conversa entre Gonçalo M. Tavares e Francisco José Viegas, Pedro Vieira, o moderador, lembrou o escritor

Luís Miguel Rocha, autor recentemente desaparecido e um dos participantes da edição anterior deste festival. Autor de vários livros que se tornaram *bestsellers*, Luís Miguel Rocha não reunia o consenso da intelectualidade nacional, sempre disposta a mostrar-se distante de todas as formas de entretenimento ou cultura popular, mas conversando com autores e membros do *staff* da organização deste e de outros festivais percebe-se que reunia, isso sim, a unanimidade no que à camaradagem diz respeito. Não será garantia de posteridade literária, dirão os céticos, mas talvez não haja posteridade mais

desejável que a dos afetos, e essa, o autor de *A Filha do Papa* conquistou sem hesitações.

Na mesa, os dois autores frente a frente andaram pelos caminhos tortuosos da ética e dos dilemas, dedicando à política uma atenção particular. E se Francisco José Viegas começou por afirmar que «na literatura não há senão conflito», para depois contrapor a literatura a uma certa ideia de política onde a desilusão com os partidos e os eleitos é cada vez maior, Gonçalo M. Tavares deixou bem claro que a sua ideia de política recua à etimologia e à noção de *polis*, deixando claro que aquilo que faz, quando escreve, «é, por isso mesmo, político».

Um dos encontros que mais expectativas despertava entre o público do LeV era aquele que reuniria João Pereira Coutinho, um conservador assumido que não esconde a sua posição à direita, e Rui Tavares, um militante da esquerda que procura novos caminhos para a representação política e cidadã, esgrimindo

argumentos em torno do conflito entre esquerda e direita. Esperava-se um combate, mas o debate acabou por ser uma aula de história das ideias políticas, com os intervenientes trocando galhardetes em tom irónico quando se tratava de marcar posição, mas sem disfarçarem o acordo em várias matérias. Quando Rui Tavares encerrou a conversa dizendo que «quando aparece alguém a dizer que esquerda e direita já não fazem sentido, tenho sempre medo que esse alguém acabe por dizer: por isso, venham atrás de mim», João Pereira Coutinho aceitou em concordância, deixando claro que a distinção entre elas continua a fazer todo o sentido, assim como a absoluta necessidade de pensar pela própria cabeça, sem embarcar nos discursos salvadores que quase sempre acabam em ditadura (independentemente do espectro político que a sustenta).

No debate que tantas vezes procura ferramentas para afastar a literatura do jornalismo, Artur Domszalski, biógrafo de Ryszard Kapuściński, listou as dificuldades de assumir uma postura absolutamente imparcial, porque no fim de contas estamos sempre a relatar o que vemos da maneira como o vemos. Disse o autor que «Kapuściński ultrapassou algumas vezes a fronteira entre literatura e jornalismo, o que não faz

dele um mentiroso, sobretudo porque alguns desses episódios foram motivados pela necessidade de criar alegorias que fintassem o autoritarismo, como o caso dos peixes que eram muito gordos porque comeriam carne humana». Para Domołowski, alguns livros de Kapuściński ficariam melhor arrumados na prateleira da grande literatura, mesmo quando sabemos que era o jornalismo o seu ofício. Pouco tempo depois, Mário Cláudio, entrevistado pela jornalista Maria João Costa (da Rádio Renascença), haveria de tocar um tema que anda pelas mesmas terras movediças deste primeiro, ao afirmar que «toda a ficção é biográfica e toda a biografia é ficção».



Em Leça da Palmeira, bem perto do porto de Leixões, uma exposição integra a programação do LeV fora do centro da cidade. Organizada pela Câmara Municipal de Matosinhos/Museu da Quinta de Santiago, em parceria com a Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos, *Cólofon – 500 Capas de*

Livros Portugueses traça um percurso pela história do design gráfico nacional ao longo do século XX, abordando igualmente a disciplina da ilustração através das imagens presentes em tantas capas de livros. Bem inserida nas salas e corredores da Quinta de Santiago, edifício histórico construído no final do século XIX e restaurado por Fernando Távora em 1968, a exposição reúne cinco centenas de livros, expostos de modo a realçar as respetivas capas, onde são notórias as mudanças de gosto e de forma ao longo do tempo e onde podemos apreciar o trabalho de capistas como Bernardo Marques, Victor Palla, Sebastião Rodrigues, João da Câmara Leme ou João Botelho, entre muitos outros.

No espaço contíguo à sala principal deste encontro, uma exposição do fotógrafo Pedro Loureiro voltava a centrar o LeV na ideia de viagem, sem deixar de fugir ao tema do conflito. *A Viagem – Retratos* reúne um conjunto de fotografias tiradas em vários pontos do globo onde as pessoas assumem o papel central daquilo que podia ser uma narrativa visual. A avó que abraça o neto à porta de uma loja na China ou os homens que talvez se preparem para rezar em Jerusalém são

eles próprios personagens de uma imagem de que não conhecemos passado nem futuro, mas são igualmente a possibilidade de uma história, de várias histórias, por um lado marcadas pelo lugar, por outro lado atravessadas pela possibilidade de estarem a acontecer em qualquer parte do mundo. Uma dessas imagens, a de uma mota decorada como se de um carro alegórico se tratasse, podia mesmo ter sido feita ali ao lado, no mesmo recinto da festa onde as farturas não acabam e onde os carrosséis giram como se os geradores que os alimentam fossem infinitos.

De regresso, então, à festa, a sala de referência da Biblioteca Municipal acolhe, por estes dias, uma exposição fotográfica que mostra momentos das Festas do Senhor de Matosinhos ao longo das últimas décadas. A mostra não integra a programação do LeV, mas estando o festival a decorrer, parece haver algum sentido em

chamá-la para este texto. Construída com fotografias selecionadas no Arquivo Municipal, *Memórias do Senhor de Matosinhos* dá a ver momentos de uma festa onde tanto mudou desde as primeiras décadas do século XX, quando algumas destas imagens foram registadas, até hoje. As modestas diversões de feira foram substituídas por complexos carrosséis, rodas gigantes e toda a espécie de estruturas móveis, desenhadas para despertar a adrenalina a troco de alguns euros. Os ranchos e agrupamentos musicais ainda por aqui passam, mas a música ambiente passou a ser assegurada por altifalantes onde já nem a chamada música pimba ecoa, porque é a kizomba mais ou menos adulterada que faz as honras sonoras. Apesar de tudo, o essencial mantém-se, com a igreja decorada e a devoção dos romeiros durante a procissão. Do mesmo modo persistem os vendedores de loiça e figurados, sobretudo de Barcelos, os bonecos de cascata a serem vendidos em grande quantidade, porque os Santos Populares já se aproximam e há que cumprir a tradição, os bolos e bolas e enchidos e queijos a desafiarem as normativas europeias que obrigam a que nada nos chegue ao prato sem ter sido embalado no vácuo e

preparado com utensílios de alumínio, sempre em ambiente frio e esterilizado (um dia alguém devia trazer um desses deputados europeus que apresenta leis higiénicas para aquilo que comemos a uma casa onde ainda se façam queijos honestos, ou enchidos dos verdadeiros, e talvez os debates sobre conflitos e política ganhassem uma outra dimensão...).

Num primeiro relance, o Senhor de Matosinhos e o Literatura em Viagem parecem não partilhar senão a cidade onde acontecem, mas os primeiros relances, já se sabe, são superficiais. Um espaço onde as pessoas se encontram para celebrar, partilhando a mesa e dividindo opiniões, pode ser uma festa popular ou um festival literário. Que da primeira só se espere diversão e do segundo se aguardem respostas para as indecisões do mundo e os negrumes da alma humana é apenas uma arrumação forçada e pouco verdadeira. Não espanta, por isso, que a Câmara

Municipal de Matosinhos persista em realizar o LeV durante as festividades locais; entre uma Fatia de Resende e um livro pode não estar a resposta para as dúvidas sobre a natureza do mal, mas estará, seguramente, um modo de nos encontrarmos, discutirmos, divergirmos e continuarmos a tal viagem que nunca temos como saber onde e quando há de acabar.

Nota: a Blimunda viajou a convite da organização do LeV.

A Viagem
—Retratos

Pedro
Loureiro

As fotografias de Pedro Loureiro são mais do que fotografias jornalísticas. As suas imagens filiam-se na linha de significativos fotógrafos que usam a câmara como um substituto da escrita. Assim a fotografia adquire espessura documental e ganha uma expressão tão significativa como o texto [...] Outra particularidade destas imagens é o cuidado colocado no desenho dos contextos, carregados de informação sociológica sem desvalorizar a plasticidade da imagem, o que acentua a singularidade de cada um dos personagens que Pedro Loureiro regista. São pessoas, mas tornam-se personagens, porque sentimos que cada um pertence a universos capazes de conterem narrativas pessoais, quase sempre protagonistas de dramas ou tragédias de interesse universal. A realização destas imagens é feita com a cumplicidade dos retratados, trazendo para a fotografia documental o carácter ético que tem vindo a perder em favor da massificação das imagens, na imprensa.

JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO

Excertos do texto da exposição *A Viagem – Retratos*.

As fotografias publicadas na *Blimunda* são outra seleção do autor para o mesmo tema.





















CAMARADAS,
CAMARADAS...
NEGÓCIOS
À PARTE

JOÃO
MONTEIRO

2015 marca o nascimento do primeiro super-herói português, o Capitão Falcão, fiel defensor de Salazar e do Estado Novo. Há qualquer coisa de estranhamente libertador quando se ouve o ator Gonçalo Waddington gritar a viva voz «Viva Portugal! Viva Salazar!» enquanto faz a saudação fascista. Obviamente não por qualquer tipo de saudosismo do passado, mas antes porque foi preciso esperar quase meio século desde a revolução para alguém ousar satirizar o Estado Novo. Este carácter revolucionário subentende um parentesco menos óbvio do que séries policiais ou filmes de artes marciais: a tradição de cinema-propaganda lusitano que começa em *A Revolução de Maio*, de António Lopes Ribeiro, de 1937.



A REVOLUÇÃO DE MAIO

Durante a preparação da 5.ª edição do festival MOTELx, a organização recebeu um inesperado desafio da produtora Indivídeos, responsável pela série televisiva *O Mundo Catita*. Propuseram uma exibição surpresa do episódio piloto de uma nova série ainda sem futuro definido. Tratava-se das aventuras do primeiro super-herói português... ao serviço do Estado Novo. Capitão Falcão era o seu nome e a sua missão defender a pátria da ameaça comunista. A Salazar respondia diretamente e consigo trazia o Puto-Perdiz, um ajudante vestido com o uniforme da Mocidade Portuguesa. A proposta foi aceite de imediato, e uma sala lotada na sessão de abertura foi apanhada completamente de surpresa. Seguiram-se cinco minutos de confusão mental – Salazar? Estado Novo? Comunistas? – seguidos de 10 minutos de riso descontrolado. É difícil descrever a sensação que se tem quando se nos depara um objeto destes. De repente, interrogamo-nos quando foi a última vez que vimos algo parecido. A resposta a esta pergunta é elucidativa: jamais! *Capitão Falcão* é a primeira sátira ao Estado Novo criada para qualquer meio audiovisual. Para ser mais exato, é antes uma

sátira à Propaganda do Estado Novo que moldou uma ideia de patriotismo cujas características ainda estão presentes no nosso quotidiano. O criador João Leitão é de uma geração posterior à revolução, por isso nunca poderia almejar produzir uma ficção que traduzisse a realidade vivida pelos pais e avós. É antes através do imaginário artístico criado pela «Política do Espírito» de António Ferro que o seu humor triunfa.

A série ficou em banho-maria devido às indefinições de um canal televisivo e os produtores acabaram por resolver avançar para o grande ecrã. Capitão Falcão é agora um herói cinematográfico, ideia que parece ter saído do extinto Secretariado de Propaganda Nacional. Não num sentido de colagem ideológica a políticas do passado mas sim na tentativa de compreender que antecedentes poderão existir para algo como este super-herói lusitano. Estou em crer que o parente mais próximo de Capitão Falcão é o filme de António Lopes Ribeiro, *A Revolução de Maio*, realizado 78 anos antes. Este é um dos dois únicos filmes financiados diretamente pelo SPN – o outro é *O Feitiço do Império* de 1940 – que podem ser considerados de propaganda (perdão) de «exaltação patriótica» durante o Estado Novo. Desde a sua exibição pública, nunca foi produzido aquilo a que podemos chamar de filme de contra-propaganda. *Capitão Falcão* é o filme que preenche essa

CAMARADAS, CAMARADAS... NEGÓCIOS À PARTE



CAPITÃO FALCÃO

lacuna, 41 anos depois da Revolução dos Cravos, e isso provavelmente diz muito da história recente desta «joia do Atlântico». O que torna este parentesco ainda mais improvável é o facto de os argumentistas nem terem sequer visto o filme durante o processo de pesquisa para o guião do filme de 2015.



obra de Lopes Ribeiro, vista sob um olhar contemporâneo, parece bastante empenhada em ser aquilo que se poderá chamar um «falso mau filme», igualmente meta do filme de João Leitão.

A diferença reside em que Lopes Ribeiro não apontou ao registo humorístico (apesar da presença desconcertante do seu irmão Ribeirinho), mas antes para «informar primeiro e depois formar a população», tal era a visão da função do cinema para o próprio Salazar. E que população era esta a quem o filme se dirige de forma primária e paternalista? À grande franja de população analfabeta (dentro e fora das cidades) e às grandes massas operárias onde residia a ameaça de insurreição comunista, num país isolado da Europa e do mundo. O filme parece no entanto exaltar mais a

polícia política do que propriamente a pátria. Logo no início, percebe-se através do diálogo de dois agentes que a polícia tem olhos em todas as fronteiras. Durante o filme, mostram cabalmente que não há como enganar o aparelho estatal, tecnologicamente avançadíssimo (equipado até com postos «radiogonómétricos»), mas ao mesmo tempo profundamente humano e justo. Numa das sequências mais desconcertantes do filme, o personagem de Ribeirinho é confrontado com a tecnologia de ponta da polícia: nada mais, nada menos, que um gravador de voz! O agente que o interroga é até conhecedor do teor de todas as conversas que teve em público. Esta ideia é reforçada durante todo o filme, que dá a entender que cada conversa tem sempre um ouvinte dissimulado.

Mas é o humor que sobressai de um visionamento contemporâneo deste material outrora levado muito a sério e é curiosamente nesse aspeto que mais se aproxima de *Capitão Falcão*. O filme centra-se num bolchevique regressado do exílio e pronto para acender o rastilho de uma revolução. Numa reunião clandestina, os seus camaradas dão-lhe conta de que as coisas mudaram enquanto esteve fora e aconselham-no, para se atualizar, a visitar uma das grandes obras do Estado Novo, o Instituto Nacional de Estatística. O bolchevique dirige-se então ao moderno e sumptuoso edifício, detendo-se apenas

CAMARADAS, CAMARADAS... NEGÓCIOS À PARTE



CAPITÃO FALCÃO

na contemplação de outro grande equipamento do regime – o Instituto Superior Técnico –, e descobre com total perplexidade que tudo havia mudado: dos números do desemprego à quantidade de árvores plantadas. Numa visita ao Norte do país, descobre que já nem os operários do porto de Leixões estão interessados nas chatices das revoluções. Há ainda uma faceta musical em *A Revolução de Maio* que põe o protagonista a cantar uma canção de amor num jardim, para não falar de um bolchevique puro, o mirabolante personagem soviético Dimoff, que parece ter saído diretamente de um filme de Eisenstein. Até ele tem o seu momento musical, cantando uma canção em russo sobre «nuvens negras e pesadas no céu». E depois há sempre os diálogos antológicos como: «Há coisas de que um português e um patriota não podem alhear-se» ou essa frase final do bolchevique arrependido «Se me prenderem, não fazem mais que o seu dever. Eles é que têm razão!»

Em *A Revolução de Maio* temos a variedade de temas que iriam estar presentes em todos os filmes realizados durante o chamado período clássico da comédia portuguesa. Temas como a conciliação de classes, as virtudes da simplicidade, a pobreza honesta e a vida no campo como modelo de virtudes. Mas há um tema que é restrito aos filmes produzidos diretamente por António Ferro, que é o da conversão. No decorrer do filme

assistimos à salvação de uma alma das garras do comunismo internacional, projetando a noção de que o aparelho do regime não se dedica apenas ao esmagamento dos opositores mas ao invés, de uma forma muito condescendente, lhes permite que mudem de opinião e que sucumbam perante as «verdades evidentes do Estado Novo». Em *Capitão Falcão*, o tema que ocupa grande parte do filme é o da re-conversão do personagem principal, entretanto transformado em «comuna». No filme de 1937, é o hastear da bandeira nacional o momento definitivo da epifania do bolchevique; Falcão precisa de ser visitado em sonhos pelo fundador da pátria, D. Afonso Henriques, alguém que apesar de ser «filho de espanhóis, não o impediu de ser o primeiro português». Os tempos são outros.

S ã o R O S A S , S E N H O R !



interessante que Capitão Falcão, cuja linguagem fílmica assenta essencialmente em modelos estrangeiros, se dirija em primeiro lugar ao público português. E por mais estranho que seja dizer isto 41 anos depois do 25 de Abril, há que destacar e valorizar a coragem por parte dos criadores deste filme. Isto

porque António de Oliveira Salazar, recentemente eleito o

CAMARADAS, CAMARADAS... NEGÓCIOS À PARTE



CAPITÃO FALCÃO

«português do Século» por um programa televisivo, nunca tinha sido representado diretamente, ou seja, sem ser através de personagens alusivos desde *Brandos Costumes* (1975) de Seixas Santos até *O Barão* (2011) de Edgar Pêra. Só em 2009, num filme/série coproduzido pela SIC chamado *A Vida Privada de Salazar*, temos pela primeira vez o ditador em versão galã, encarnado por Diogo Morgado. No filme de 2015, nota-se uma preocupação de semelhança física com o ditador, e por isso a escolha recaiu sobre o veterano ator José Pinto, provavelmente o único envolvido na produção que sabe o que foi viver sob o salazarismo. E sente-se um tremendo prazer do ator em poder estar envolvido neste ato de dessacralização do ditador. A certa altura, vemo-lo a tirar do forno um bolo-rei trajando um avental que condiz com os naperons na cor da bandeira de Portugal. Mas o filme não troça apenas com a figura do ditador, e também com todo o subtexto sexual que este tipo de ditaduras paternalistas subentende. Capitão Falcão prefere de longe a companhia do seu amigo «chinoca» e do venerado presidente do Conselho de Ministros do que da sua esposa. No fim, toda a tensão homoerótica que o super-herói sente pelo ditador é libertada num apaixonado beijo, o *happy-end* possível.

É muito importante realçar este aspeto de audácia e não

ignorá-lo num juízo crítico sobre o filme. Porque no caso do cinema português, a coragem também devia levar uma estrelinha. Não nos podemos esquecer que vivemos num regime democrático há 41 anos mas, em 1988, o *Humor de Perdição* foi cancelado e retirado do ar por fazer troça de figuras históricas portuguesas, sendo que a gota de água envolvia a Rainha Santa Isabel. Quatro anos mais tarde, já na década de 90, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, foi riscado da lista de concorrentes ao Prémio Literário Europeu. E importa reter estes dois episódios por terem ocorrido durante os governos encabeçados pelo mesmo homem que hoje ocupa a Presidência da República. E essa relação entre o passado e o presente está bem patente em *Capitão Falcão*. Por exemplo, no conceito de pré-revolução falhada levada a cabo pelos «Capitães de Abril» apoiada por um povo desesperado por mudança. Ou, mais vincadamente, no discurso final dirigido diretamente ao espectador pelos grandes pilares do Estado Novo «ficcional», Salazar e Falcão, ladeados por crianças da Mocidade Portuguesa empunhando bandeiras nacionais, sustentando que o patriotismo assenta na inação, uma clara alusão a Aníbal Cavaco Silva.

CAMARADAS, CAMARADAS... NEGÓCIOS À PARTE



CAPITÃO FALCÃO



as a sátira de *Capitão Falcão* tem também raízes tipicamente portuguesas. O filme inclusivamente homenageia essa genealogia com a inclusão no elenco de Rui Mendes e Luís Vicente, respetivamente «Duarte» e «Átila», dois dos sobreviventes do elenco da série *Duarte & C.a.*, de Rogério Ceitel. Hoje, gozando de um merecido estatuto de culto, foi para o ar em 1985 e exibia um tipo de humor bastante sofisticado para a época, só rivalizado pelos programas de Herman José. Basta lembrar a subversão do papel da mulher nas séries policiais. Aqui são elas os *bullies* que despacham à pancada todo o tipo de *gangsters* lusitanos. Principal-

mente a secretária de Duarte e a sua sogra (que transportava na sua mala um tijolo). O humor é, sem dúvida, a melhor maneira de esvaziar conceitos arcaicos e promover uma evolução social. Só o humor tem a capacidade de esvaziamento ideológico que apenas vemos ser usada pela publicidade atualmente. Mais falcões tivesse havido nos últimos anos e a expressão «antigamente é que era» há muito que teria caído em desuso. Ouvir esta expressão sem se ter noção do que se fala, permite que a dúvida se possa instalar em gerações posteriores ao fascismo. Se a ideia de Francisco José Viegas da existência de um Plano Nacional de Cinema for algum dia avante, devia incluir obrigatoriamente a exibição de uma sessão-dupla com *A Revolução de Maio* e *Capitão Falcão*. Mas já lá dizia o velho António Silva, sonhar é fácil...

O ELEFANTE

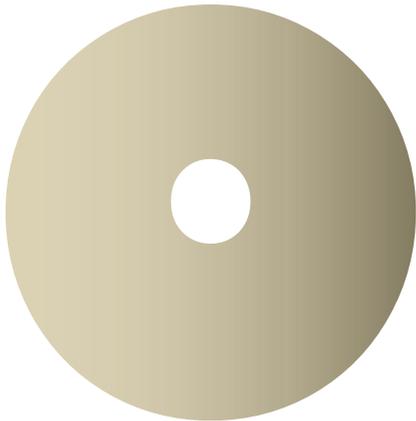
SALOMÃO

FER-
NANDO
ALVES

OS GUARDADORES

DE MEMÓRIA

Texto lido na apresentação do livro *A viagem do elefante por Viseu Dão Lafões* – um relato que cruza 14 localidades com a digressão do espectáculo do Trigo Limpo teatro ACERT, no dia 29 de abril, no auditório da Fundação José Saramago.



grande sinal do nosso tempo», dizia Vergílio Ferreira, «é a morte da memória». E Saramago, em cuja casa e obra sempre encontramos tecto e caminho, avisa-nos que «sem memória não saberíamos quem somos».

Ao levar este acontecimento artístico raro a 14 municípios de um vasto território, a ACERT confronta-nos, mais do que com a memória de um elefante, com aquela outra que a sua própria voz invoca. Essa é uma voz que irrompe do chão e no chão deixa pegadas. Voz resgatada na viagem da estranha criatura caminhante, e a partir de uma outra redenhada: ela vem dizer um espanto antigo em voz alta, tecendo incessantemente o fio da memória viva dos lugares.

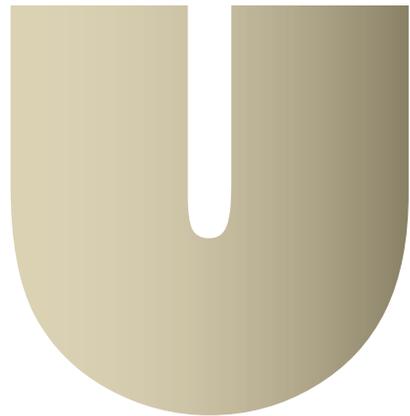
Sendo um gesto de uma bela desmesura, ele não se dirige a um Arquiduque, não é presente de casamento enviado por rei ocupado a impressionar o mundo, antes transporta a

ideia de espanto e almeja que ela contamine um território. O Arquiduque deste projecto é o território. O território não é, aqui, apenas um itinerário, uma soma de palcos. É um destino. Uma Índia. É afinal para esse território que somos, nós também, leitores deste livro, chamados tanto como aqueles que no percurso recriado pelo Trigo Limpo ACERT se espantaram diante do prodígio.

Este livro reaviva as pegadas deixadas por Salomão.

Retoma a chave que foi tão inspiradora para Saramago: «Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam.» Mas retoma-a como uma oferenda: dedicando o notável cometimento ao próprio território, aos lugares aonde sempre chegamos quando nos esperam. Ora, aventurando-se por um território que lhe é íntimo, o grupo que nos convoca para este itinerário ajuda-nos a encontrar os lugares secretos que correspondam a um certo restaurante de Salzburgo, chamado «O Elefante», aonde Saramago vislumbrou um caminho, uma possibilidade de caminho. Enquanto num restaurante de Salzburgo Saramago decifrou o caminho para a clareira e reconstruiu a fá-

bula de uma jornada de espantos, os da ACERT/Trigo Limpo levaram esse encantamento a um chão onde, tantas vezes esquecida, uma comunidade preserva a sua identidade. Os do Trigo Limpo conhecem a geografia onde se movem. Estabelecem com ela a relação que Orlando Ribeiro privilegiava nos seus trabalhos de campo: falar de território é captar o sentido mais fundo das vozes que o dizem, é entender o sentimento de pertença.



Um elefante articulado de seis metros de altura, uma ideia de teatro comunitário de rua envolvendo homens e mulheres das comunidades locais, sem experiência teatral, lado a lado com outros ligados ao teatro amador, grupos de bombos, bandas filarmónicas,

tocadores de concertina, ensaios/oficinas de cinco dias. Nenhum vento pode já levar para longe o que ficou.

Só por isso, este Salomão de ferro e vime é, já, um momento empolgante, luminoso, da *Viagem a Portugal* da ACERT.

Uma viagem que poderia ser realizada sem sair do palco, sem sair de casa; mas que sempre procura a rua, o terreiro, o espaço sem fim do encontro. Pois sempre se encontra gente no caminho, mesmo quando se trate do caminho das pedras. O caminho das pedras é um caminho para o homem.

Como lembra Ana Abrunhosa, a presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, «território e cultura são face da mesma moeda». A ACERT é, como não diria o outro, a boa moeda deste território.

Ora esta saga da ACERT não se esgota no esforço de fazer deslocar uma máquina portentosa de luz e de magia por lugares onde (como escreveu Torga) a Beira ganha «um sentido geográfico que não anda nos mapas administrativos». Ela transporta para esse país que não se vê das auto-estradas a palavra transformadora de Saramago. Porque havia um conto e os da ACERT quiseram contá-lo. E querendo, temeram não ser capazes. Ou, pelo menos, temeram não ser capazes à medida do seu desejo. Como vamos ser capazes?, perguntaram-se. Há quem nunca faça esta pergunta. A esses, a auto-estrada os leva e traz. O que os ocupa é apenas a urgência de chegar. Não quem os espera, quem os possa esperar.



as nesta jornada, um secreto desígnio os movia, uma espécie de sete-estrela no negrume da noite. E a todos movia, esse secreto desígnio: aos que esperavam, aos que chegavam. O que os unia, aos que chegavam

e aos que os esperavam (sendo que, entre os que esperavam, alguns, actores amadores, participantes locais, mais de setecentos, se haviam já achegado, estavam chegando e esperando, eram cornacas de um sonho, cornacas de um chão caminhante, cornacas e soberanos) o que os unia era serem, todos, Saramago. Está neste livro, assim formulada, essa pretensão:

«Era, sermos todos, Saramago.»

Este Salomão de ferro e vime já fizera em 2013 o percurso daquele outro que no século XVI foi levado ao Arquiduque Maximiliano e, passada a surpresa, acabou esfolado, sendo as pesadas patas que atravessaram a Europa transformadas em recipientes para guarda-chuvas.

E em 2014 foi levado a desassossegar o território onde a

ACERT não desiste de renovar a tradição, como se viu recentemente, com mais uma queima do Judas. Lá está: sem memória não saberíamos quem somos.

É esse o desafio maior desta digressão interminável. De novo quando a 10 de Junho Salomão transportar a sua desmesura de ferro e vime até ao Mosteiro de Alcobaça ou quando em Agosto for a banhos à praia da Figueira.

Este livro celebra esse desiderato, reflectindo com brilho e apuro o essencial da proposta da ACERT: o valor do encontro e da partilha. O modo como os designados escribas se encontram com os fotógrafos no bar da ACERT em Tondela faz deles cornacas de uma viagem maravilhosa. «Somos uma quadrilha», dizem. Saltimbancos da memória, da História e do acto criador que a revisita. E lá foram com Salomão, quatro meses seguindo mais do que pegadas, participando do plano de viagem. O resultado está à vista. O livro agarra-nos desde o início, chama-nos para o terreiro onde cresce o espanto. Mas sempre nos leva para onde o cansado corpo encontre aconchego ou o coração sobressalto. Também nós esperamos dois dias até que a chuva pare, ou arregalamos os olhos em Viseu quando o Arquiduque faz de cornaca ajudando a arrumar na zorra um

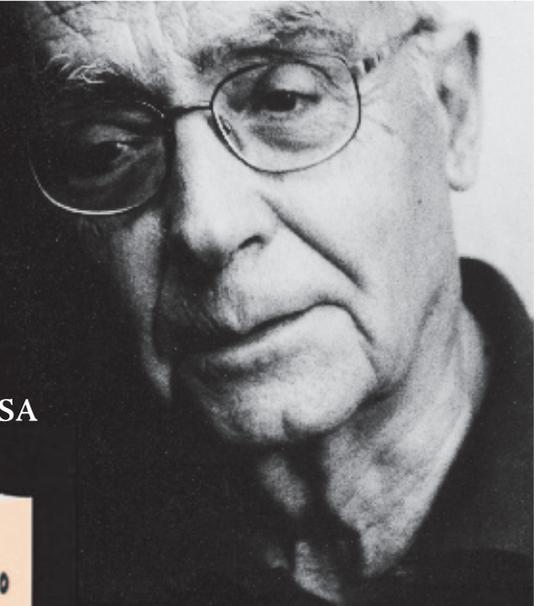
paquiderme desconjuntado, que o sacristão há-de guardar. E também vamos à taberna da Rua Escura de onde se vê mais mundo que da Varanda dos Cónegos, pois matando a sede a vista alcança para além da névoa. E meteremos ao bernal para a jornada seguinte fogaças, castanhas de ovo e bolos de feijão que de nada valem para secar as lágrimas adivinhadas no rosto da actriz amadora espalhando tristeza pelo adro da Sé quando morre o elefante. Nada travará essas lágrimas quando Salomão ressurrecto em ferro e vime se despedia de Viseu. Lá vou eu, lá vou eu, lá vamos pelas voltas dos caminhos até ao esplendor da Casa da Ínsua, onde o mais intenso aroma das maçãs da minha infância aflora na esquina de a páginas tantas. E fico a dever a Sara Figueiredo Costa a explicação de um nome. Sei agora e a ela o devo que em Penalva do Castelo, onde certa vez me banqueteei com um admirável cozido à portuguesa, há uma freguesia chamada Esmolfe, e que lá nasce o tal perfume raro. Percebe-se que as senhoras a quem Sara pergunta, à porta de uma sapataria, qual o caminho para a Feira Semanal, tenham comentado quando ela virou costas: «Deve estar com o elefante.» Sara, guardadora de memória.

Este livro peneira o pó dos caminhos com a sabedoria do artesão de Oliveira de Frades, que peneiras não guarda e tan-

tas faz. De novo me perdi, agora levado por Ricardo Viel, na mais famosa casa de pastéis de Vouzela, até que Flávio fez soar o bombo, já depois de Luis Pastor ter cantarolado uma canção sobre o céu da sua aldeia na Extremadura e José Rui Martins ter espreitado o público que nenhuma cadeira deixara vazia e ter exclamado: parece um estádio de futebol.

Tantas outras vezes irrompem do chão que Salomão continuará a percorrer. A este Salomão ninguém há-de ser-rar as patas para fazer recipientes de guarda-chuvas. Se chover, esperamos dois dias no adro da Sé. E anotamos tudo, o tamanho da erva crescendo bravia no jardim do casarão dos Caldeirinha, lugar só aparentemente fantasmático, pois lá vive gente, mesmo arredia. Tanta memória guarda o casarão, por mais desolador. O mato não toma conta de tudo. O mato não devora a memória. Enquanto admiráveis escribas e fotógrafos se juntarem em quadrilha, da memória guardadores. Confirmando o que dizia Carlos Fuentes: que a memória é, afinal, «o desejo satisfeito».

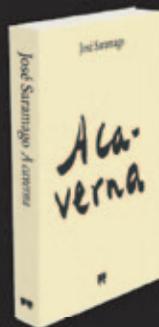
JOSÉ SARAMAGO



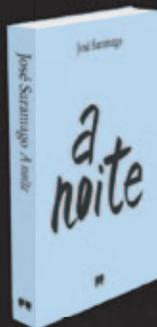
CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



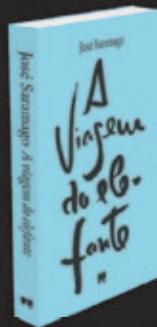
José Mattoso



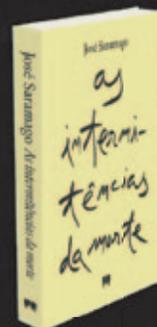
Eduardo Lourenço



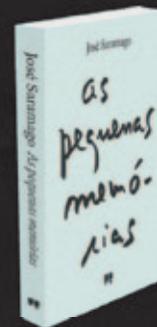
Armando
Baptista-Bastos



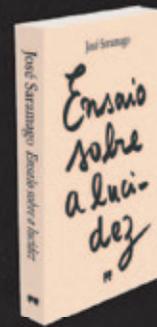
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mãe



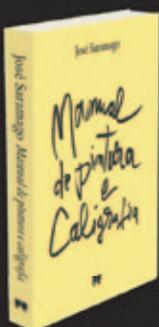
Gonçalo M.
Tavares



Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



Júlio Pomar



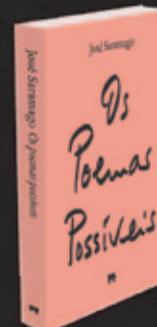
Lídia Jorge



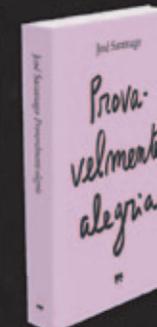
Mia Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



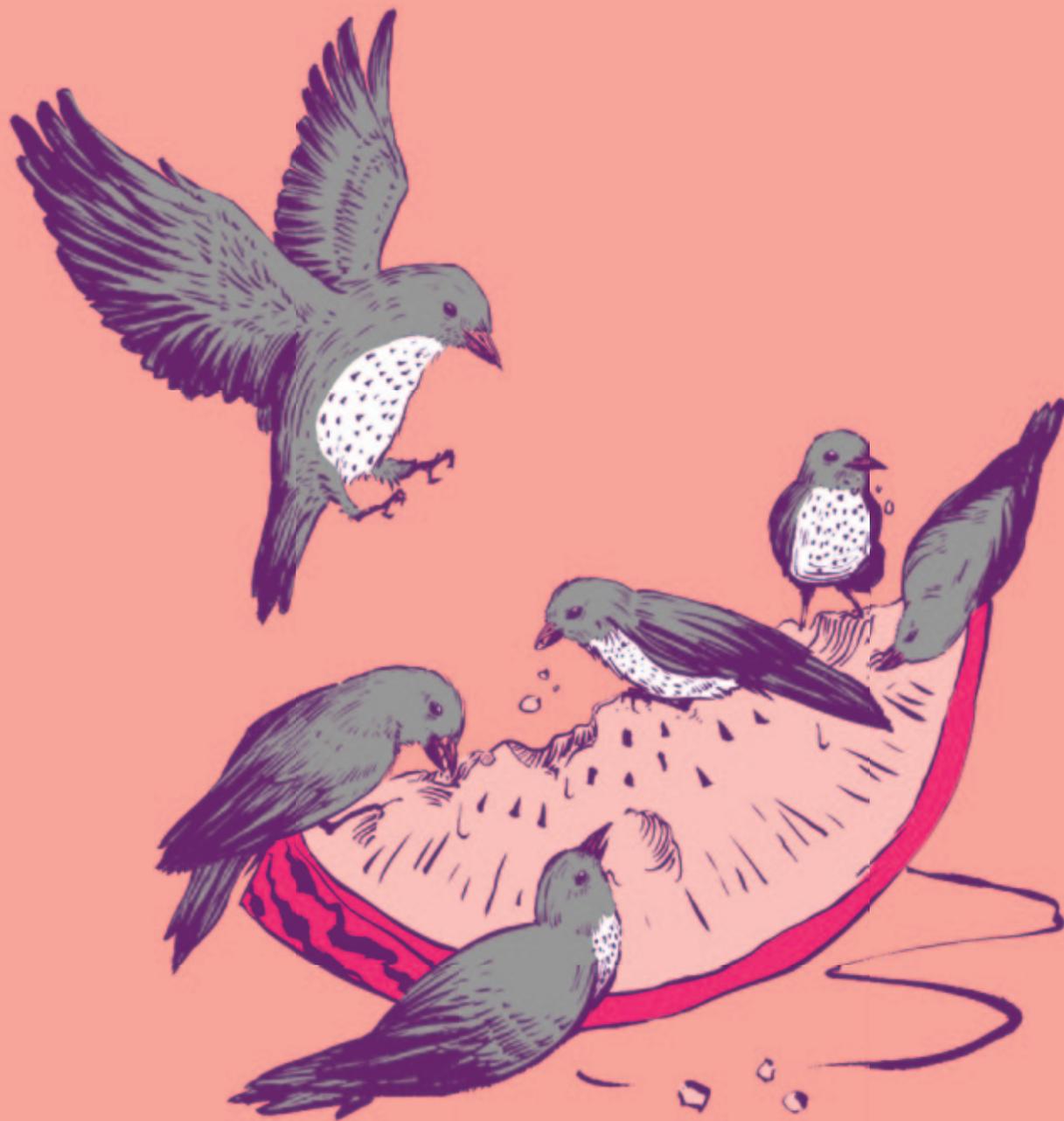
Nuno Júdice

gerador

A PICAR O CÉREBRO PARA SEMPRE

O Gerador é uma plataforma de acção e comunicação para a cultura portuguesa. Aquela que nos define como portugueses. Descobre-nos através da Revista Gerador, nas bancas de todo o país, ou em facebook.com/acgerador

Gerador.
É a cultura portuguesa.



NOVIDA

DES

ANDREIA BRITES

NNA

FEIRA

Feira do Livro. A partir de 28 de maio os livros regressam ao Parque Eduardo VII, em Lisboa, para a maior Feira do Livro nacional. As editoras apontam baterias para esta altura, editando mais e guardando títulos de autores de maior nome para apresentarem nos seus pavilhões, ao longo das três semanas que dura o certame. Na edição de livros infantis e juvenis verifica-se a mesma estratégia: a **Feira do Livro de Lisboa**, a que se sucede a do **Porto**, são duas montras de excelência e as novidades encontram ali um lugar privilegiado para que o público as veja. Sem elas, não há como dinamizar os catálogos. Percorreremos algumas das novidades que têm chegado às livrarias ou se anunciam para breve e traçamos, através delas, a identidade das suas casas editoriais.

Pato Lógico

A editora criada por André Letria surgiu, segundo o próprio, como espaço de criação de projetos que muitas vezes não teriam espaço noutras chancelas de maior dimensão, com gestões de mercado distintas. Por isso, o lugar da ilustração na Pato Lógico é central e reflete o conhecimento do próprio ilustrador. Exemplo magno é a coleção **Imagens que Contam**, que desafia os seus autores a criarem uma narrativa (no caso de André da Loba, um animalário) que obedece a um determinado formato e onde não pode constar qualquer elemento tipográfico, exceto no título, que se deve resumir a uma única palavra. Depois dos primeiros quatro títulos, a Pato Lógico lançou no mês de abril mais dois volumes, **Dança** e **Verdade?!**, assinados respetivamente por João Fazenda e Bernardo Carvalho. No primeiro, Fazenda opera uma revolução interior no protagonista, um homem hirto, que não consegue dançar. Recorrendo a um jogo cromático e figurativo explícito, o ilustrador apresenta, passo a passo,

a transformação da personagem que, depois de algumas tentativas falhadas, consegue abandonar a sua rigidez geométrica e a tez cinzenta num bailado voluptuoso, pleno de curvas, movimento e cores fortes. Bernardo Carvalho regressa ao mar, motivo caro nas suas anteriores narrativas sem texto, para contar a história de um marinheiro e do seu cão, ao longo de fantástica intempérie, com sereias, monstros marinhos e ondas gigantes, que remetem para outras referências literárias e mitológicas. Recorrendo a uma reduzida paleta de cor (apenas azul e vermelho, para além do branco e do preto), o ilustrador joga com as sobreposições para criar efeitos de profundidade. Intercala grandes planos onde revela o estado emocional da dupla com a imagem quase indistinta da embarcação entre vagas de grandes dimensões. O desfecho feliz recupera, com sentido de humor, a condição orgulhosamente aventureira da figura do marinheiro.



Boca

Poemas para Bocas Pequenas

não é o primeiro audiolivro para crianças da Boca. A estreia aconteceu com os poemas de Jairo Anibal Niño, *A Alegria de Gostar*, narrativas naïfs e melancólicas entoadas pela voz de Oriana Alves, seguindo-se-lhe *Era, não era?*, uma antologia de narração oral e uma outra dedicada aos irmãos Grimm onde constam 35 dos seus contos.

Esta novidade tem uma história distinta, porque nasce de um espetáculo de Margarida Mestre e de António-Pedro, no qual as crianças são convidadas a assistir e participar num momento pluridisciplinar onde a arte dramática se associa à música e à dança, a partir da poesia.

Este volume reúne não apenas os poemas

(muitos de Margarida Mestre, mas também de Sidónio Muralha, Luisa Ducla Soares ou António Torrado).

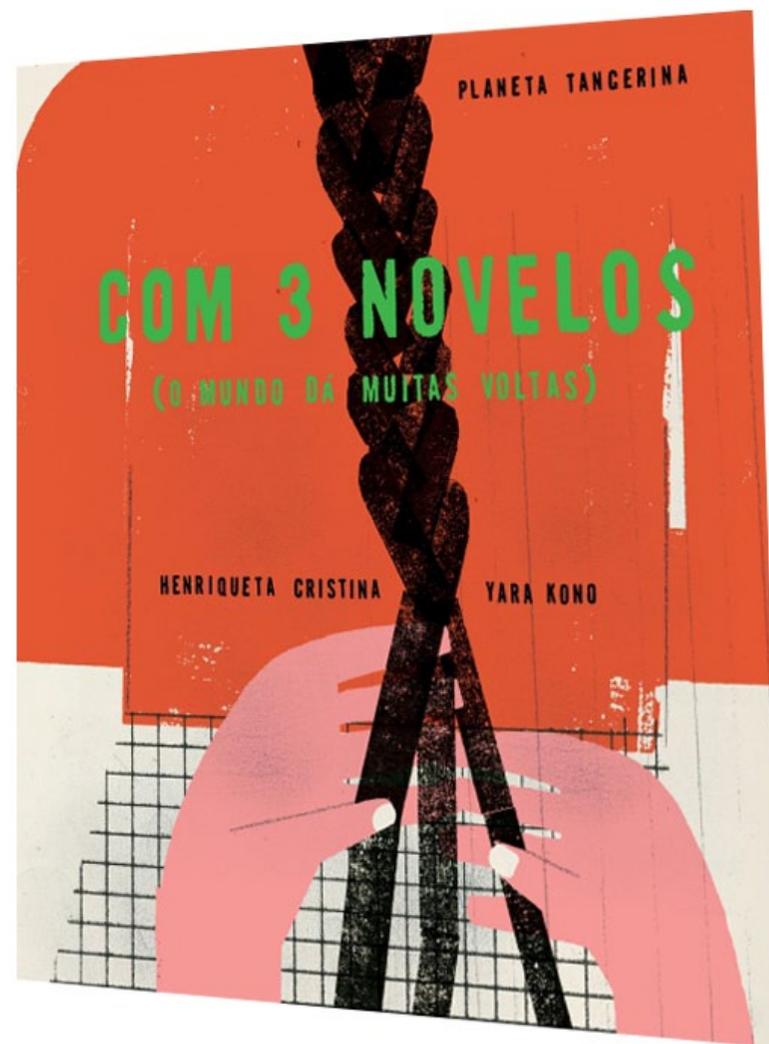
Ali se encontram testemunhos sobre a sua amplitude poética e filosófica e propostas de atividades e reflexões a partir de cada poema. O cuidado gráfico é exemplar, com ilustrações de Marta Madureira. A audição dos poemas com a música e a sonoplastia não lhes retira em nada a limpidez do sentido, amplificando as emoções festivas ou melancólicas, as cadências repetitivas ou as inusitadas combinações lúdicas. Sendo uma editora pouco mais do que bissexta, a Boca mantém-se fiel a outras formas de contar, que não a da leitura individual e em silêncio, de um texto.



Planeta Tangerina

As duas recentes novidades editoriais do Planeta Tangerina, no que ao álbum diz respeito, fogem à tradição autoral maioritária. Depois de outras experiências passadas o Planeta volta a apostar em nomes que não constam da equipa. No entanto, apesar de a imagem da editora estar muito associada aos seus principais quatro nomes: Isabel Minhós Martins, Bernardo Carvalho, Madalena Matoso e Yara Kono, o facto é que o leque de autores é bastante mais vasto, e inclui nomes portugueses e estrangeiros. Para além disso há, nestes dois álbuns, fatores de aproximação que comprovam uma linha identitária muito clara no que ao álbum do Planeta Tangerina diz respeito. **Três Novelos (O Mundo Dá Muitas Voltas)** é uma narrativa biográfica e simultaneamente uma alegoria sobre a liberdade. Henriqueta Cristina assina o texto e Yara Kono a ilustração desta memória de infância de uma menina que se vê forçada ao exílio, com a família, durante o regime salazarista, chegando a um outro país onde tudo é uniforme e

repetidamente idêntico: «Na verdade, todas as pessoas usavam roupa muito parecida. De manhã cedo, as ruas do bairro enchiam-se de pais e mães vestidos de castanho, a caminho do trabalho; e meninos e meninas com camisolas cinzentas, verdes e cor de laranja a caminho da escola.» Reagindo a esta monocromia, a mãe da protagonista inventa novas hipóteses que se multiplicam criando novas identidades. As figuras de Yara Kono realçam essa mudança, não apenas na roupa como na expressão corporal e no semblante das personagens. A ilustração escolhida para a capa será a mais emblemática pelo que representa, como ponto de viragem na ação, e igualmente pela plurissignificação do ato de entrançar, não apenas o cabelo e o novelo, mas as pessoas. No final do álbum, um posfácio informativo situa os leitores no tempo histórico, acrescentando dados específicos sobre o país onde a história se passa. Apesar de ser inovador do ponto de vista do relato autobiográfico e memorialístico, este álbum centra-se numa teia de



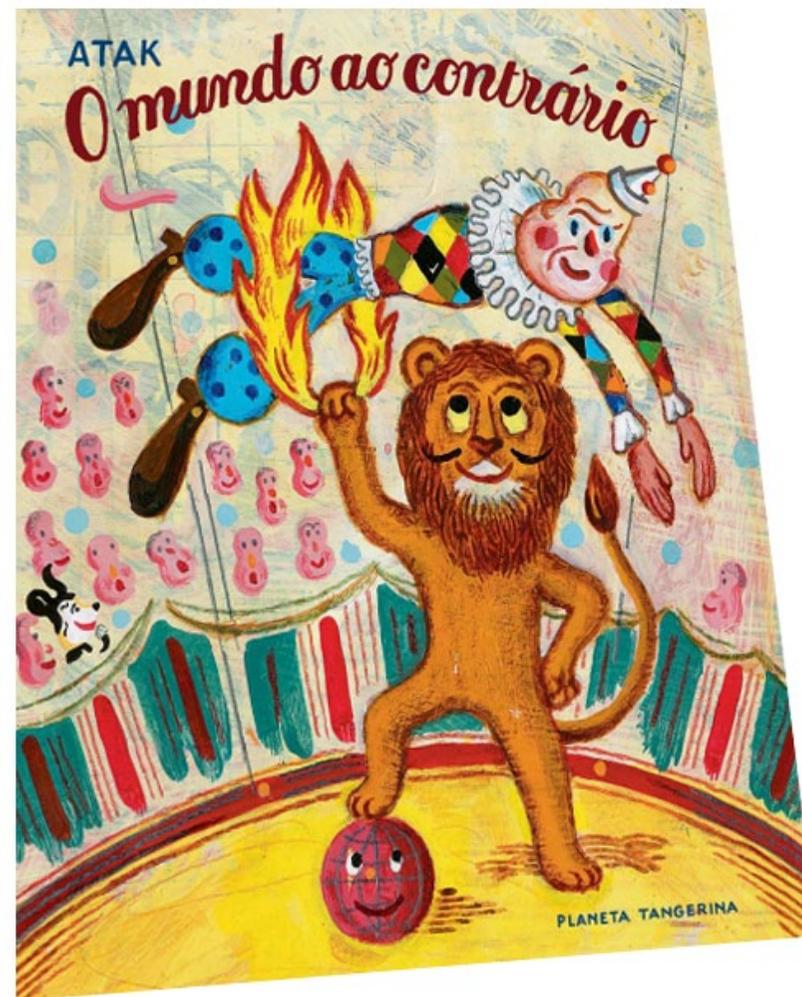
Planeta Tangerina



relações cara ao projeto editorial do Planeta. A implicação política já estava patente de forma explícita em *A Ilha* e mais recentemente em *Daqui ninguém passa*. Mais ainda, a ideia de família como centro nuclear de liberdade é uma constante em muitos outros álbuns como *Andar Por Aí*, *Duas Estradas* ou, inversamente, em *O Meu Vizinho é Um Cão*.

A outra novidade, **O Mundo ao Contrário**, do ilustrador alemão Atak, é um álbum sem texto onde se conjugam referências do mundo como o conhecemos com um passeio de um rato que tudo observa alegremente. Não será um acaso que logo nas guardas de abertura o rato que corre atrás dos gatos não seja idêntico ao outro que vai seguindo caminho, e que em muito se assemelha ao icônico Mickey Mouse. A diversidade de quadros remete claramente para um universo geográfico e cultural global onde os animais dos polos vivem na selva e os da savana nos polos, os bombeiros apagam cheias

com fogo, o bebé dá de comer à mãe ou os dinossauros visitam um museu onde se exhibe um esqueleto humano. O jogo antinómico não se esgota aqui, com inversões de papel entre heróis e vilões das histórias tradicionais, ou até a troca de rostos e corpos de figuras como o Batman, Popeye, Snoopy ou Bart Simpson. Cada ilustração apresenta uma profusão de elementos, formas e cores exuberantes, que desafiam o leitor a observar. Há um pacto lúdico neste álbum que, mais uma vez, não é totalmente estranho a ilustrações e narrativas como as de Bernardo Carvalho em, por exemplo, *Olhe, por favor, não viu uma luzinha a piscar?* ou à trilogia *Duas Estradas*, *Trocoscópio* e *O Livro dos Quintais* em que se narram duas histórias em simultâneo recorrendo a estratégias visuais e textuais distintas. Essa procura por um outro olhar, uma outra abordagem narrativa e enumerativa tem sido uma marca identitária constante e este álbum, de estética original no quadro do Planeta, vem confirmar e ampliar essa tendência.



Orfeu Negro

Neste momento, pensar em Orfeu Negro implica nomear dois autores: Oliver Jeffers e Catarina Sobral. Apesar de ter começado a realizar novos projetos noutras editoras, o facto é que Catarina Sobral alcançou o reconhecimento da crítica nacional, prémios e edições internacionais com a primeira tríade de livros, todos pela Orfeu. A próxima novidade da autora, ainda em produção, terá lançamento marcado na Feira do Livro em Lisboa. Mas a identidade da editora é mais ampla: caracteriza-se por uma grande heterogeneidade temática, estética e geográfica, cruzando tendências com a Bruaá ou até a Edicare. Na Orfeu encontramos Jon Klassen, um nome maior do álbum nos EUA, Benjamin Chaud, Davide Cali, mas também William Wondriska, David Wiesner ou Beatrice Alemagna. A editora ainda é, maioritariamente, uma importadora de títulos de qualidade e não uma produtora, apesar de se afirmar rapidamente como tal com Catarina Sobral e Madalena Moniz. Neste sentido, ver surgir um nome desconhecido não se estranha. Simona Ciraolo chega aos leitores portugueses com a chancela da Flying Eye Books, uma chancela do grupo Nowbrow, uma editora britânica independente, com critérios estéticos e gráficos muito precisos, ligada à ilustração, ao design e ao grafitti, assim como a

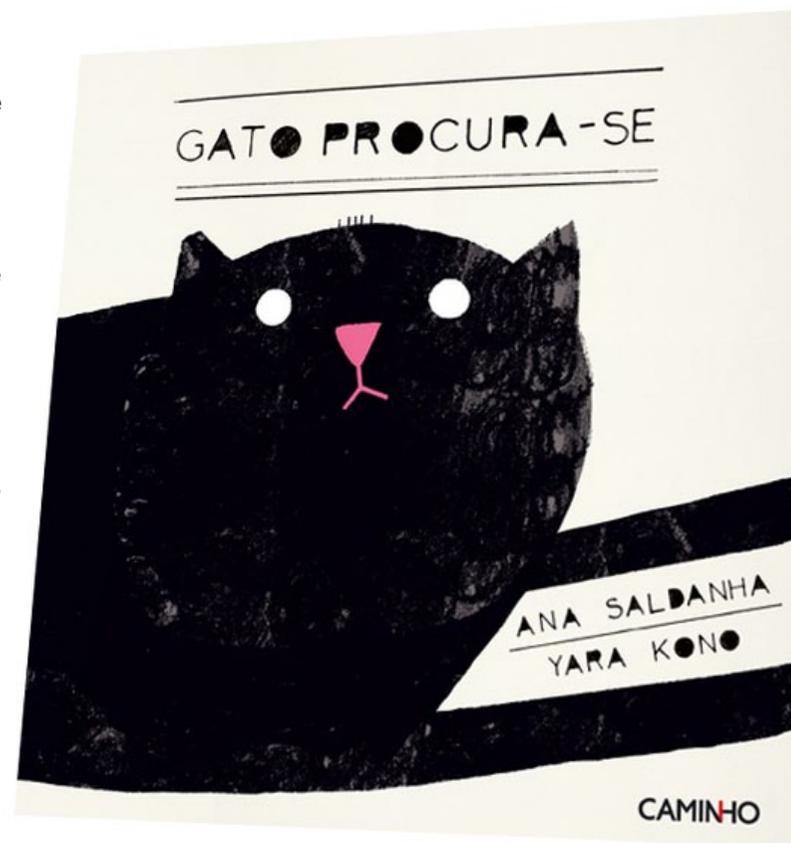
outros projetos de edição independentes. Não se espere porém um arrojado desconcertante de **Quero um Abraço**. Com uma ilustração muito límpida que não preenche a totalidade das páginas, esta é uma narrativa agridoce, sobre um gato que não se identifica com a rigidez da sua comunidade e parte em busca de um abraço. A narrativa recupera uma temática universal e encerra uma moral cheia de nuances sobre a ideia de identidade e pertença, com sentido crítico implícito. A sua aparência *naïf*, reforçada pela expressividade figurativa e pela paleta de cores, onde os verdes, vermelhos e castanhos se destacam, dá vida a um subtexto moral. A eleição da relação com o outro é, aliás, um dos tópicos de muitos dos álbuns da Orfeu Negro, seja na perspetiva mais emocional seja através do humor, como acontece por exemplo em *A Minha Professora é um Monstro*, *Art e Max* ou *Os Animais Estavam Zangados*.



Editorial Caminho

As duas novidades que se lançaram recentemente comprovam a coerência desta editora de referência no panorama da literatura infantil e juvenil portuguesa. Apostando, agora mais do que nunca, em autores nacionais, a Caminho não tem apresentado novas vozes mas, em contrapartida, dá espaço a quem já é «da casa». A dupla Ana Saldanha/Yara Kono é um dos exemplos. **Gato Procura-se** é o quarto título em coautoria, e o quarto editado pela Caminho. Depois de *O Papão no Desvão*, com o qual a ilustradora venceu o Prémio Nacional de Ilustração em 2010, seguiram-se *Eu Só, Só Eu*, *O Tesouro do Palácio* e agora esta narrativa sobre o desaparecimento de um gato. Contada pela voz da criança que transmite esse sentimento de perda, o leitor acompanha a sua progressiva consciência do sentido definitivo da morte ao mesmo tempo que os adultos tentam, com diversos argumentos, atenuá-lo. O discurso dramático de Ana

Saldanha, ponto forte da sua escrita, ganha folêgo na economia do texto e a plasticidade das ilustrações de Yara Kono acentuam a nostalgia da ausência, que se manifesta visualmente nos vestígios e na cristalização da figura do gato. Outra novidade marca o regresso de Carla Maia de Almeida à editora onde se estreou com o livro ilustrado *O Gato e a Rainha Só*. Depois surgiu o seu primeiro álbum, *Não Quero Usar Óculos*, a que se seguiram *Ainda Falta Muito?* e *Onde Moram as Casas*. Se a escritora foi, como muitos outros nomes que se lançaram na Caminho, uma revelação, o epíteto já não lhe cabe e ela é hoje um dos nomes seguros da literatura infantil e juvenil. **Amores de Família** obedece a uma regra quase nunca quebrada, no que a parcerias com ilustradores diz respeito: Carla Maia de Almeida jamais repete uma parceria, exceção feita a Alex Gozblau, no livro *A Lebre de Chumbo*, da APCC. Ao contrário do que acontece com Ana Saldanha e Yara Kono (ou outras



Editorial Caminho



duplas, como a de Rita Taborda Duarte e Luís Henriques, também na Caminho), que juntas conferem uma identidade à obra, os álbuns de Carla Maia de Almeida têm relações textuais e plásticas únicas.

Nesta antologia familiar arquetípica, as ilustrações de Marta Monteiro desvendam ambientes, abrem caminho para contextos e geografias identificáveis tanto pelos enquadramentos físicos como pelos gestos e ações das personagens. Para cada família uma composição, a cada elemento o nome e algumas características de um deus romano numa perspetiva prosaica, quotidiana. Para além da diversidade de famílias, o texto experimenta ainda repetir alguns deuses, na sua condição arquetípica, demonstrando a validade de múltiplas relações partindo de uma identidade. Força, organização, emotividade, criatividade, coragem, egocentrismo, conjugam-se com a defesa dos animais, o prazer pela cozinha, a organização

de condomínios e TPCs, a arrumação da casa, a construção de casas de pássaros ou o desfrutar dos seus sons e do cheiro das flores. Em poucas palavras, cada família apresenta elementos que levam o leitor a compor a sua história. Cada ilustração, pela riqueza dos quadros onde todas as personagens estão a realizar uma tarefa, dá ao texto um sentido de existência prévia e de continuidade. A relação entre a informação textual e visual consegue não cristalizar cada um dos quadros, fazê-lo original e único, sem se constituir como paradigma. Curiosamente, apesar de serem sempre referidos como figuras essenciais de cada família, e de estarem presentes em todas, em nenhuma as crianças assumem qualquer protagonismo no texto, apenas na ilustração ganham um lugar a par dos adultos. É um álbum totalmente diferente de todos os outros, em que a alma poética e metafórica da escrita se substituiu por uma alegoria disfarçada de discurso informativo.



Booksmile

Onde pode entrar Ziraldo no catálogo da Booksmile? A editora, que ganhou imensa projeção com *O Diário de um Banana*, tem apostado em livros do mesmo género, umas vezes para leitores mais novos, outras não, do qual a saga de Tom Gates é o caso mais paradigmático. Também não foi de estranhar a reedição portuguesa de *Artemis Fawls* pela Booksmile, que pertence a um segmento fronteira. Estes títulos têm em comum um discurso hiperbólico em primeira pessoa, apoiado por situações cómicas e sempre acompanhado de ilustrações a preto e branco, próximas do cartoon. No entanto, surge no catálogo da Booksmile, aqui e ali, um ou outro livro que destoa: *Pipi das Meias Altas*, por exemplo, é um clássico. Todavia, agora traz ilustrações de Lauren Child e representa uma referência da literatura de humor e ironia destinada a crianças e adolescentes. Para além disso,

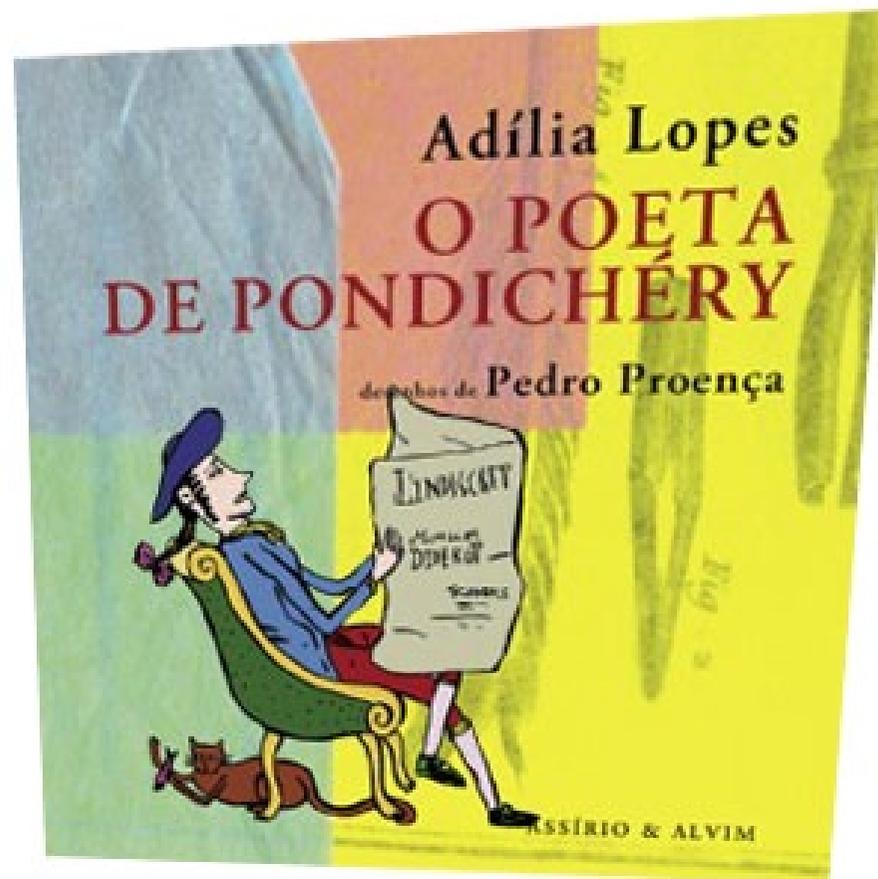
a Booksmile anunciou em março a edição de outros clássicos, como *Peter Pan*, *O Livro da Selva* ou *Alice no País das Maravilhas*. Não significando isto que Ziraldo é um clássico, pode fazer sentido este cruzamento entre humor, imagem e banda-desenhada, que é o que de alguma forma se passa em ***O Menino Quadrado***. Ziraldo toma partido das características do género para criar uma narrativa metatextual, sobre o discurso elíptico da banda-desenhada e o sentido complementar do texto com a imagem em oposição ao discurso narrativo exclusivamente textual. O menino que um dia acorda fora das vinhetas onde se sentia livre terá de aprender como é viver entre letras e palavras, onde estão as cores, as metáforas, as anáforas. Encontrá-las significa redescobrir a liberdade.



Assirinha

Uma coleção bissexta, com marcas muito próprias, que começam no formato, se estendem pela ilustração e terminam na literatura. Não se pode dizer que os livros ilustrados da Assirinha se dirijam claramente ao público infantil. Haverá alguns que sim, como o *Têpluquê*, *Histórias que me Contaste Tu* ou a restante obra que Manuel António Pina inscreveu na coleção. Álvaro Magalhães, António Torrado e Papiniano Carlos são outros nomes que não deixam dúvidas. No que à poesia de Jorge Sousa Braga, Eugénio de Andrade e Helder Moura Pereira diz respeito, espera-se que a escolha permita aos mais novos acederem ao seu sentido. Assim é. Por isso a expectativa em relação a esta novidade de Adília

Lopes é semelhante. **O Poeta de Pondichéry** é um longo poema com toadas prosaicas, ora ingénuos e oralizantes ora com rebuscadas referências semânticas e históricas, que em nada choca com a obra da poeta. Se é para crianças? Tudo é irónico, desajustado, caricatural, quer no texto quer na ilustração de Pedro Proença, que às figuras do Século das Luzes acrescenta objetos, texturas e fundos plenos de indícios enciclopédicos. A estética do ilustrador não é estranha à coleção, onde já conta com outros títulos ilustrados por si, e contribui, como João Botelho, Bárbara Assis Pacheco ou Cristina Valadas, para uma identidade plástica desviante em relação à maioria das edições.



Editorial Presença

O catálogo da Presença é tão heterogéneo que é difícil apontar uma tendência, abordagem ou identidade. De tudo o que edita, a sua marca distintiva será em grande parte as coleções juvenis onde se encontram grandes nomes da literatura juvenil como David Almond, Neil Gaiman, Tim Bowler, Michael Ende ou Holly Black, a par de sagas de sucesso incontornável, da qual *Harry Potter* é já o paradigma clássico. Todavia, para além de álbuns a Presença edita também livros de carácter mais lúdico, como quebra-cabeças, livros para pintar e desenhar ou livros de autocolantes.

O Meu Peixinho de Aquário Sabe Quem Eu Sou?, de Gemma Elwin Harris, é o segundo título da autora que a Presença edita, seguindo a mesma lógica

enciclopédica de enumerar questões mais ou menos inusitadas a que especialistas dão respostas acuradas e comprovadamente fidedignas. Este é um tipo de livro que resulta muito bem junto do público infantil e juvenil, por ir ao encontro das suas dúvidas e levantar outras questões igualmente curiosas nas quais nunca o leitor tinha pensado. A organização das perguntas não obedece a nenhum critério temático, o que promove o interesse pela leitura, e as respostas, embora direccionadas ao leitor mais novo, não são paternalistas nem superficiais e sim sérias na sua simplicidade.

A vantagem dos catálogos heterogéneos é que sempre se podem encontrar boas surpresas, como esta.



Kalandraka

Não é preciso procurar designações para agrupar as novidades da Kalandraka: a própria editora encarrega-se de o fazer. Fá-lo bem, porque assim logo se organiza esta parte no todo deste catálogo essencial. A adaptação de **O Patinho Feio**, de Hans Cristian Andersen, destina-se a leitores muito pequenos, na mesma linha de *A Casa da Mosca Fosca*, *A Galinha Ruiva* ou *Chibos Sabichões*. Destina-se à primeira infância e a estabelecer, através de narrativas curtas, um contacto inicial com a cultura tradicional, prezando uma leitura visual original, recorrendo a estéticas e técnicas muito distintas. Na coleção Clássicos Contemporâneos há três novidades. Janosch regressa com um quarto título, **Eu Ponho-te Bom, disse o Urso**. Desta feita, o Tigre fica doente e o seu amigo Urso fará tudo para o curar com a mesma ternura e a mesma ingenuidade de sempre. De Tomi Ungerer, um autor de estética e

abordagem transgressoras, reimprime-se **Os Três Bandidos**, uma narrativa mordaz, quase gótica, emblemática dos valores que Ungerer representa e da sua visão irónica e crítica do mundo. São afinal aquelas três figuras aterradoras, com as suas silhuetas fantasmagóricas, quem se dedica a salvar crianças, quando por fim descobrem um sentido para o que fazem. Finalmente, Maurice Sendak e o último livro da sua famosa trilogia: *Outside Over There* transmuda-se para **O Que Está Lá Fora** e consegue parecer mais assustador que o álbum reimpresso de Ungerer. As reminiscências renascentistas que pairam como cenário onírico enfatizam as formas e as expressões quase grotescas dos duendes que roubam o irmão bebé da protagonista. Trinta e quatro anos depois, existem finalmente edições portuguesas dos mais relevantes e reconhecidos livros do pai do *picture book*.



Quê?!

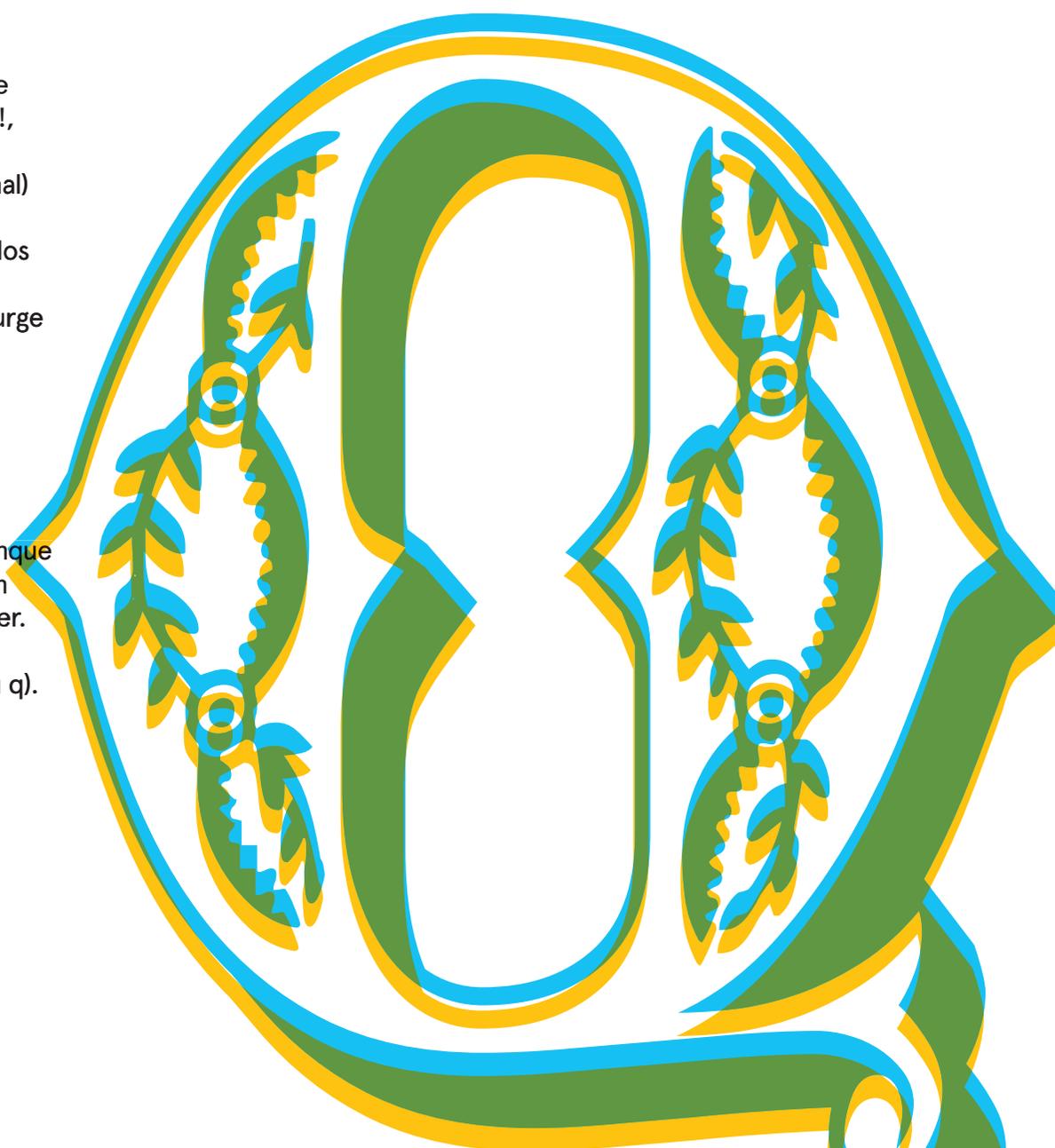
Interjeição interrogativa, pode surgir nas formas Quê?!, quê?!, quÊ?! ou QUÊ?!?!?! É uma expressão (oral, facial, neuronal) vulgarizada entre os mais pequenos quando confrontados com livros que acrescentam caminho ao seu imaginário. Surge aliada à surpresa, ao espanto, ao imprevisto, ao fantástico e ao desconhecido. Mais rara nos crescidos, é infelizmente substituída por Qual? Quem? Quando? ou o mais frequente Quanto??? Livro que não arranque pelo menos um QUÊ?! tem um grande quiproquó para resolver. Também é o nome da décima sétima letra do alfabeto (Q ou q). Mas essa é outra QUESTÃO...

Rui Andrade
Promotor da leitura
e das artes, Cabeçudos

Questão

Os livros são verdadeiros semeadores de questões. Primeiro lançam sementes na nossa cabeça; depois acamam-nas, regam-nas, sacham-nas, mondam-nas e enchem-nas de luz. E as questõezinhas começam a aguardar respostas. Crescem. E algumas questões continuam a aguardar respostas. Crescem ainda mais. E quando, quase, quase todas chegam a adultas-questões-respondidas, sobra *A Grande Questão*. Neste livro de Wolf Erlbruch, a grande questão dá a volta ao calendário, sobrevive às estações, dá folha, flores e frutos. Porque é que estamos aqui? Hum, são estes livros que dão sentido à nossa vida. Crescem na nossa cabeça. E as cabeças, claro, crescem também.

Raquel Salgueiro
Livreira, Cabeçudos



Finalmente o verão Jillian Tamaki, Mariko Tamaki Planeta Tangerina



A (in)utilidade da taxonomia tem sido muito discutida no que concerne à narrativa juvenil, especialmente com o advento do *crossover* que teorizou a recepção leitora de muitos títulos como transversal. A permeabilidade dessa recepção, cada vez mais ampla quer em fenômenos de grande consumo como são as fórmulas românticas e fantásticas, quer no âmbito da literatura, tem desvalorizado o lugar do texto numa categorização que a tradição literária veio erigindo entre os séculos XIX e XIX. Neste momento, designações de gênero ou subgênero são mais úteis do ponto de vista da biblioteconomia do que da leitura propriamente dita. *Finalmente o verão* pode ser considerado, tradicionalmente, uma novela juvenil em banda-desenhada. Tem potencial literário e estético para ser lida como uma novela em banda-desenhada *tout court*? Sim. Lerão os adultos esta narrativa de forma distinta dos adolescentes, tecendo outras considerações e centrando a sua



interpretação noutras pistas? Muito provavelmente sim. Mas é relevante assumir para livreiros e bibliotecários que o mais recente título da coleção Dois Passos e um Salto do Planeta Tangerina deve figurar nas estantes juvenis e nas estantes de adultos. Não fora esta uma narrativa sobre ritos de passagem e crescimento. Rose é a protagonista, uma rapariga de quem nunca se

sabe a idade, e que parte com os pais para Awago, uma zona balnear junto a Ontário, onde passará, como acontece todos os anos, as suas férias de verão. Logo nas primeiras páginas encontramos o tom suspenso de toda a narrativa: primeiro o efeito das onomatopeias, e nas duas páginas seguintes, uma cena comum: a do pai, carregando a filha adormecida

ESPELHO MEU

ao colo em direção a casa depois do que se pode presumir, pela toalha enrolada à cintura, de um dia em cheio. É uma possibilidade que abre, logo ali, um espaço para a nostalgia da infância, que assoma Rose em resposta à profunda e cada vez mais notória infelicidade da mãe. As memórias de rituais e momentos felizes (as pedras que se recolhem na praia são um tópico simbólico que acompanhará Rose até ao momento final da narrativa, aquando do regresso a casa) alimentam uma estabilidade passada que se antagoniza com o relato destes dias. Para além do conflito com a mãe, e das conversas paralelas que Rose ouve entrecortadas com a tia e a mãe de Windy, há nela uma insatisfação manifesta em relação a esse passado feliz que começa a deixar de fazer sentido. Exemplo disso é a sua relação com Windy, a amiga de férias desde os cinco anos, e o esforço que faz para alterar alguns comportamentos da amiga. O traço delicado de Tamaki



oferece duas figuras radicalmente distintas: Rose, esguia, de cabelo liso, por vezes apanhado e de fato de banho e Windy, roliça, com um corpo ainda pouco delineado que brinca com o crescimento

do peito dentro de um biquini que desvenda a barriga. As suas expressões faciais, sempre muito expansivas e livres, refletem o bem estar da personagem, na sua infantilidade residual, que não

lhe limita, contudo, o poder de observação do outro. Windy, que adora dançar, aparece muitas vezes em movimento, saltando na praia ou para cima do sofá, nadando... A liberdade de uma

contrasta com a contenção da outra, que agora, nesse estado de inquietação, se começa a interessar pelo que se passa na loja de conveniência de Awago, onde um grupo de jovens locais bebe, fuma e namora, entre piropos em calão. É aliás surpreendente a secura com que são transcritas certas expressões, e nessa surpresa reside mais uma vez o efeito de desequilíbrio constante que a narrativa, quer textual quer visual, provocam. Num cenário levemente onírico, reiterado pela gradação de azul nos fundos das vinhetas, sejam eles o mar, a noite, o dia ou o emaranhado de arbustos e troncos de árvore, as ilustrações descrevem detalhadamente o estado de espírito das personagens, através das suas expressões, das suas roupas, dos seus movimentos, da sua interação, pelo que também aqui os mecanismos de aproximação e afastamento garantem ritmos distintos, ora de ação acelerada, ora de contemplação. O leitor é



efetivamente transportado, pela leitura, para o universo daquelas férias e isso deve-se tanto à economia de texto, com grandes sequências de diálogo suspensas por páginas onde apenas se leem ilustrações e eventualmente onomatopeias, como à ilustração que escolhe pormenores e perspectivas que se completam



na vinheta seguinte e assim sucessivamente, criando uma lógica de necessidade imediata. Enumerar os tópicos da narrativa parece redundante já que o que esta consegue é uma limpidez na sua disposição e composição. Gravidez, aborto, adoção, despoletam conflitos, desilusões, frustrações e alegrias,

dúvidas, humor mas tudo se liga nesse tema maior que é, em última análise, o da identidade, legitimado por Rose, como uma esponja que tudo absorve, apesar da sua indolência qb, algo entediada, entre os filmes de terror que se propõe ver porque já é crescida, as revistas que folheia, o baloço e as gomas. O que a dupla canadiana de *Finalmente o verão* consegue com claro sucesso é transformar os estereótipos associados às férias sazonais numa narrativa que atinge o leitor. Apesar de tudo decorrer sem subterfúgios ao nível do enredo, este compõe-se por um conjunto de indícios alicerçados em personagens que apenas a espaços se revelam, embora assumam comportamentos paradoxais. Essa proximidade provocada pela verosimilhança, associada a uma poética intercalada com a secura dos diálogos (os juvenis e os de adultos) torna a angústia e a melancolia muito apetecíveis à leitura.

Prémio de ilustração Serpa e Planeta Tangerina

A Câmara Municipal de Serpa acaba de lançar o regulamento do 1.º Prémio Internacional de Ilustração de Serpa, em colaboração com a editora Planeta Tangerina. Esta é uma iniciativa inédita dirigida a ilustradores de todo o mundo, que apresentem um projeto novo em português, castelhano ou inglês. As inscrições estão abertas até 30 de setembro e o vencedor será anunciado a 30 de outubro. O prémio terá o valor de €4000, dos quais €1600 se destinam a adiantamentos por direitos de autor relativos à edição da obra vencedora pelo Planeta Tangerina em 2016. O Prémio terá uma periodicidade bienal e será decidido por um júri composto por três pessoas: uma representando o Município de Serpa, outro a editora e um terceiro convidado.



Álbuns de todo o mundo As escolhas dos bibliotecários

São cinquenta e dois países os que participam nesta segunda edição do guia The World Trough Picture Books, uma iniciativa da IFLA (International Federation of Library Associations) em resposta à necessidade permanente dos bibliotecários em definirem critérios de seleção na escolha de álbuns.

Neste guia, cada um dos países contribui com uma lista de dez livros escolhidos pelos seus bibliotecários, segundo critérios vários e modelos de organização distintos. Estes são apresentados com a referência bibliográfica, a capa e uma breve sinopse na língua de origem e em inglês. O guia pode ser comprado na sua versão impressa no site da IFLA, que também o disponibiliza para download.



Prémios FNLIJ Literatura em Língua Portuguesa para Sophia

Uma das obras para a infância mais reconhecidas de Sophia de Mello Breyner Andresen foi distinguida nos Prémios FNLIJ 2015. *A Menina do Mar*, editada no Brasil pela Cosac Naify, venceu na categoria de Literatura em Língua Portuguesa. Para além dos prémios, que divulgam o melhor que se publicou durante o ano de 2014 em diversas áreas (informativo, teatro, conto, poesia, teórico, tradução, imagem, projeto editorial...), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil ainda atribui Selos de «Altamente Recomendável» às obras que, não fazendo parte da lista vencedora, chegam a finalistas. Foi o caso, por exemplo, de quatro títulos do Planeta Tangerina, editados no Brasil pela SESI/SENAI.



Teatro Juvenil Panos na Culturgest

Panos sobe novamente aos palcos da Culturgest, entre 22 e 24 de maio. Acontece pela décima vez, desde 2006. Este projeto, inspirado no programa Connections do National Theatre de Londres, é responsável pela dramatização de diversos textos encomendados a autores portugueses e estrangeiros, por grupos de teatro juvenil, escolhidos de entre os cerca de 30 participantes que desde novembro trabalham as peças propostas. Para além do envolvimento de diversas comunidades, o projeto tem igualmente uma componente editorial, que publica anualmente os três textos dramáticos encomendados. Rui Cardoso Martins, Hélia Correia, Gonçalo M. Tavares ou Pedro Mexia são apenas alguns dos autores que escreveram para o Panos.



saramaguiana

DIÁLOGOS COM
JOSÉ SARAMAGO

A (DES)CON

TRUÇÃO DO

ESCRITOR

ANA PAULA ARNAUT

Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESCRITOR

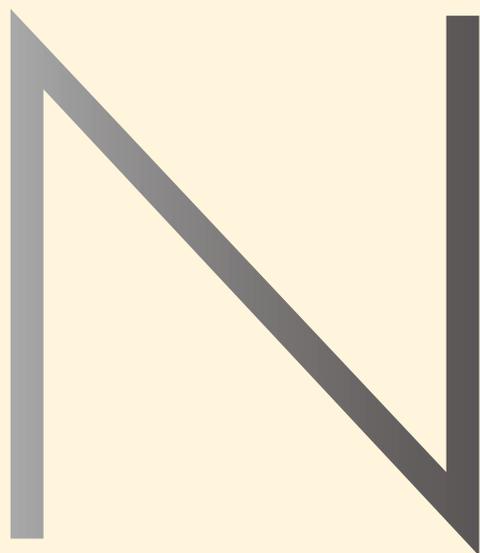
Texto lido na apresentação de *Diálogos com José Saramago* da autoria de Carlos Reis.

Coimbra, Livraria Almedina, 4 de maio de 2015.

nicionalmente publicados em 1998, pela Caminho, *Diálogos com José Saramago* são agora editados pela Porto Editora, tendo já sido apresentados na Fundação José Saramago, nascida «porque uns quantos homens e mulheres de diferentes países decidiram um dia que não podiam deixar sobre os ombros de um só homem, o escritor José Saramago, a bagagem que ele havia acumulado ao longo de tantos anos, os pensamentos pensados e vividos, as palavras que cada dia se empenham em sair das páginas dos livros para se instalarem em universos pessoais e serem bússolas para tantos, a acção cívica e política de alguém que, sendo de letras e sem deixar de o ser, transcendeu o âmbito literário para se converter numa referência moral em todo o mundo. Por isso, para que José Saramago pudesse continuar a ser o mesmo, soubemos que tínhamos a obrigação ética de criar a Fundação José Saramago e assim, dando abrigo ao homem, aumentarmos o tempo do escritor, sermos também a sua casa, o lugar onde as ideias se mantêm, o pensamento crítico se aperfeiçoa, a beleza se expande, o rigor e a harmonia convivem» (*site*).

Ora, creio que é justamente nessa linha de «obrigação ética» de preservação do nome e do espírito (cívico, político e literário) de um dos maiores escritores de Língua Portuguesa, melhor, de um dos maiores escritores, ponto, que devemos ler os sete, oito Diálogos – o último, não numerado, intitula-se «Diálogos virtuais», mote de Carlos Reis para «uma espécie de exercício de confrontação», para uma série de comentários sobre citações de escri-

tores, inclusivamente do próprio José Saramago, a última, sobre «A literatura não morre. A literatura morrerá quando o Homem estiver morto» (DJS, p. 168). Além de uma «Nota Prévia» que uma reedição sempre implica, os Diálogos surgem emoldurados, naturalmente, como convém a trabalhos desta ordem, por uma «Apresentação» e por dois breves mas importantíssimos e elucidativos textos de Carlos Reis, pensado e construído o primeiro sob o signo da indagação relativa à construção do escritor e orquestrado o segundo no âmbito da sempre justa homenagem a um homem constantemente preocupado com o seu semelhante.



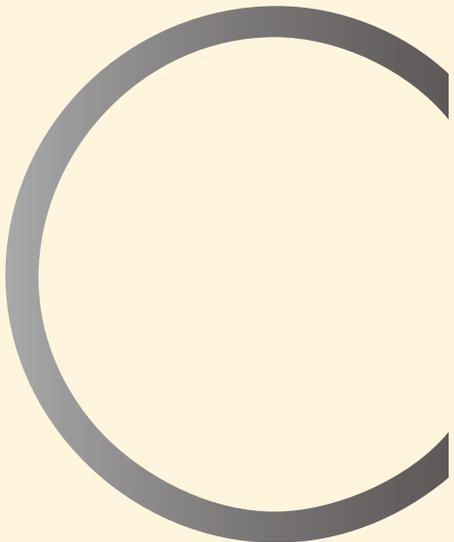
o que toca à «Apresentação», e ao contrário do que muitas vezes sucede em publicações desta natureza, esta faz mais do que contextualizar espacial e temporalmente as «quatro sessões de trabalho», ou faz mais do que registar os critérios de publicação. Com efeito, conduzido pela argúcia e pela sensibilidade que presidem à escrita de Carlos Reis, o leitor entra amistosa e suavemente não só na dinâmica estético-literária de José Saramago mas também na sua quase intimidade. Se quem lê a obra lê o escritor, quem lê o que sobre este se diz, como no caso, também lerá o homem que foi e a vida que teve, a literária e a outra.

É no que respeita aos primórdios da primeira que se centra a «Introdução» a *Diálogos* («O escritor em construção»), referindo-se Carlos Reis, especialmente, aos romances de 1947 e de 1977, *Terra do Pecado* e *Manual de Pintura e Caligrafia*, sem esquecer *Claraboia*, na altura ainda sem «vida autónoma» (DJS, p. 16), por não ter ain-

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESCRITOR



da sido publicado (só em 2011 isso viria a acontecer). De *Terra do Pecado* ficamos a saber algumas curiosidades interessantes do ponto de vista da arqueologia literária, como, por exemplo, por um lado, o desfasamento relativo ao que pelos finais dos anos 40 se ia escrevendo em Portugal e, por outro lado, a aproximação ao que havia sido posto em prática no Realismo-Naturalismo de Oitocentos. De *Manual de Pintura e Caligrafia*, estranhamente quase ignorado pela globalidade da crítica saramaguiana, é-nos dada a conhecer a importância para o «projeto literário sólido e coerente» de Saramago, afirmando-se como «elemento axial» na consolidação «do romancista como romancista» (DJS, p. 19). Aqui se deixam pistas de leitura e, não menos importante, pistas de trabalhos a desenvolver, por Carlos Reis ou pelos seus discípulos académicos, como facilmente se verifica em várias dissertações de mestrado e teses de doutoramento.



ontinuadas no texto que encerra os *Diálogos*, «A estátua e a Pedra ou a magia das ficções», lido na apresentação de *A Estátua e a Pedra*, na Fundação José Saramago, a 7 de maio de 2013, a revelação do mundo saramaguiano ou a singularidade da sua escrita, em estreita articulação com a sua apetência para a subversão, servem ainda a Carlos Reis para dar conta das «derivadas conceptuais e funcionais, de umas artes para outras, na tentativa de uma precisa descrição da criação artística e literária» (DJS, pp. 172-173). Embora de forma diversa do que sucede na primeira edição de *Diálogos*, finalizada com «Palavras para uma homenagem nacional», discurso proferido no Centro

Cultural de Belém, em que se sublinha a justeza da atribuição do Prémio Nobel «nesse dia levantado e principal», se quisermos recorrer aos momentos finais de *Levantado do Chão* (1980), a verdade é que o novo texto cumpre os mesmos objetivos de homenagear o escritor, o homem, o cidadão, o sonhador de realidades livres, justas e fraternas.



as, afinal, perguntarão, o que são estes *Diálogos* que Carlos Reis considera mais do escritor do que seus (*DJS*, p. 12)? São, como nos diz, um investimento «na atitude de interpelação, por vezes até de interlocução argumentativa, em busca não de uma qualquer verdade que sempre nos escapa, mas, pelo menos, da clarificação de problemas que me parecem significativos: para o escritor, para os seus leitores e para o conhecimento do fenómeno literário em geral. [...] o que aqui fica é, pelo menos, um esboço de poética: a que, mesmo difusamente, rege as práticas literárias, culturais e ideológicas de um escritor chamado José

Saramago» (*DJS*, pp. 12-13).

Assim é, poética da criação literária, poética de militância política, poética da reconstrução da História, também. Precedidos por um breve mas elucidativo resumo, numa estratégia não só de orientação de leitura (e que traz à memória o expediente usado por Almeida Garrett em *Viagens na Minha Terra*), cada um dos *Diálogos* desenvolve e reconstrói as linhas de leitura, as pistas para melhor compreendermos a obra de José Saramago. Pistas

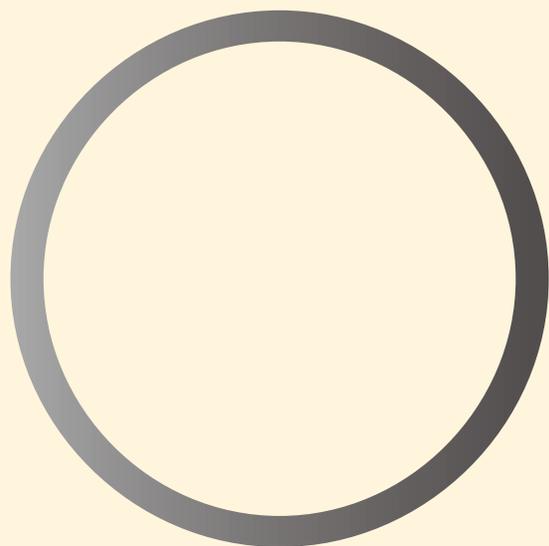
anteriormente fornecidas por Carlos Reis na «Introdução» e agora traduzidas sob a forma de incisivas perguntas, espelho de quem sabe o que procura na constelação ficcional de Saramago, espelho, ainda, de quem parece nunca esquecer-se da sua função de pedagogo e que, por isso, nos orienta sobre o que devemos procurar – do primeiro ao último romance publicado à data da realização das sessões de trabalho, que decorreram em finais de janeiro de 1997 (refiro-me, pois, a *Terra do Pecado*, de 1947, e a *Ensaio sobre a Cegueira*, de 1995; *Todos os Nomes* será publicado posteriormente, em outubro de 1997).

Deste modo, Carlos Reis leva o escritor a sublinhar a diferença entre *Terra do Pecado* e a produção romanesca iniciada com *Manual de Pintura e Caligrafia*, ou, antecipando a importância que *Claraboia* viria a ter no modo como lemos a evolução de José Saramago, a comentar o livro que só postumamente viria a ser dado à estampa. Apesar de reconhecido como «um livro também ingénuo», surge já anunciado como tendo «coisas que já têm que ver com o meu modo de ser» (DJS, p. 44). Importante, a propósito da evolução da obra de José Saramago, é também a menção à ressimplicação operada a partir de *Ensaio sobre a Cegueira*, assim caucionando o escritor a divisão entre um primeiro e um segundo ciclo de produção

literária, ao qual, como sabemos, viria a juntar-se um terceiro, a partir de *As Intermittências da Morte* (2005).

Não menos importantes são as considerações tecidas sobre a «Condição do escritor» e «Sobre o escritor e a linguagem da literatura», tópicos dos *Diálogos II e IV*. Se o primeiro abre a porta a questões melindrosas, como a

relação com os poderes – políticos e literários – ou a assunção clara de uma ideologia, a comunista, que tanto tem chocado algumas mentalidades conservadoras, o segundo não nos permite apenas saber, em primeira pessoa, sobre a técnica do trabalho literário, influências incluídas – e esta é uma curiosidade que, seguramente, todos temos, de um modo ou de outro. Além disso, faculta as impressões de Saramago sobre a relação da Literatura com outras artes, nomeadamente o teatro.



quadro de reflexão aberto pelos *Diálogos* que acabamos de mencionar alarga-se nos seguintes, o V e o VI, intitulados «Sobre géneros literários» e «Sobre a narrativa e o romance». As considerações tecidas no conjunto destes dois textos não nos deixa esquecer que Saramago não vestiu só a pele de romancista, ele foi também poeta, contista, dramaturgo e diarista, modos outros de dizer o mundo, o seu e o nosso, o que foi, o que é, ou que pode vir a ser, se quisermos lembrar o aviso à navegação da humanidade que subjaz ao seu *Ensaio sobre a Cegueira*, cuja epígrafe, «Se podes olhar vê, se podes ver repara», se enquadra numa dimensão aforística reconhecidamente patente em epígrafes

de outros livros, bem como no corpo das histórias que ficam entre a capa e a contracapa. Sobre outros paratextos, como os títulos, tantas vezes indicadores de género (*Ensaio, Memorial, Manual, História...*) discorre o escritor (DJS, pp. 123-125) em concomitância com a sua eventual relação com as histórias que arrastam, ou não... (DJS, p. 125).

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESCRITOR





as as histórias fazem-se também de personagens e, por isso, não fica sem menção a forma como as escolhe e como as compõe, como sucede com a enigmática Blimunda de *Memorial do Convento* (1982), reconstruída, é certo, a partir de uma mulher que terá existido no reinado de D. João V mas cujo trânsito narrativo, mas cuja vida narrativa, a torna seguramente diversa da real (*DJS*, p. 39). Blimunda, a mulher de olhos excessivos, cujos poderes, aliados ao sonho quimérico de Bartolomeu Lourenço, abrem novos horizontes a Baltasar Sete-Sóis e que, na linha das personagens femininas da ficção saramaguiana, se revela de fundamental importância para o desenvolvimento moral, afetivo e ideológico do masculino. Ao contrário do que sucede em outros autores, a mulher é, em Saramago, desde *Manual de Pintura e Caligrafia*, desde *M.*, portanto, a mola de conhecimento que permitirá ao homem tornar-se um ser melhor e humanamente mais completo; a mola de conhecimento que ajudará o homem tornar-se no Homem como lugar onde o sonho utópico de uma realidade melhor poderá concretizar-se.

A esta galeria de mulheres e à importância que têm nos universos do autor, podemos ainda aduzir os seguintes nomes: Faustina e Gracinda Mau-Tempo, mulheres-companheiras de armas de homens que, em *Levantado*

do *Chão*, ensaiam um novo tempo de consciência humana e política; Lídia, de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), elo de ligação entre o mundo do poeta e o do povo comum; Joana Carda ou Maria Guavaira, sem as quais se não podia entender, plenamente, o sentido da viagem da Península tornada jangada de pedra (1986); Maria Sara, por causa de quem Raimundo escreve a sua *História do Cerco de Lisboa* (1989), num percurso que é também o da afetividade; Maria de Magdala, de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), responsável por um Jesus capaz de humanamente amar e capaz de não menos humanamente errar; a mulher do médico, única personagem que ao longo de *Ensaio sobre a Cegueira*, mantém a capacidade de olhar e de ver e de, por isso, ajudar a compreender, numa mesma linha que o autor recuperará em *Ensaio sobre a Lucidez* (2004).

E já que falámos de *Ensaio sobre a Lucidez*, permito-me relembrar outras mulheres presentes em romances também publicados depois das sessões de trabalho que deram origem a estes *Diálogos* com José Saramago: a incógnita figura feminina de *Todos os Nomes*, mentora indireta da fuga de José ao marasmo em que vivia; Marta Isasca ou Isaura Madruga que, em *A Caverna* (2000), cada uma à sua maneira, dão a Cipriano Algor novos alentos de vida; Maria da Paz e Helena, cujas ações e atitudes, em *O Homem Duplicado* (2002), são fundamentais para o nascimento de um novo Tertuliano Máximo Afonso.

Nos romances mais recentes publicados ainda em vida de José Saramago, *As Intermittências da*

Morte, A Viagem do Elefante (2008) e *Caim* (2009), destacamos, respetivamente, a morte tornada mulher, que contribui, apesar de tudo, para o (re)nascimento de um novo homem, o violoncelista; a rainha dona Catarina e o facto de ser ela a motivar a viagem de Salomão e, por conseguinte, a possibilitar as diversas viagens de autognose; e, finalmente, a insubmissa e rebelde Lilith, pelo papel que desempenha na consubstanciação do humano Caim, e Eva, pelo que na (re)construção da personagem existe de diferença subversiva em relação ao arquétipo bíblico.

Propositadamente deixámos para final os *Diálogos III e VII*, «Sobre a História como experiência» e «Sobre temas e valores, sentidos e destinos comuns». Neles se discutem, ou melhor, neles se dialoga sobre os mais problemáticos temas da ficção saramaguiana: do uso da História laica à recuperação da História religiosa, da Revolução de Abril à ideia de Europa, vista «como um grande engano» (*DJS*, p. 155), da importância do Homem à menos importância de Deus, de Portugal ao mundo em que vivemos.

Assim sublinha José Saramago a parcelaridade e a parcialidade da História, a laica e a religiosa; assim se deixa claro que, no que toca à sua eventual inclusão no grupo dos romancistas históricos, é fundamental considerar o afastamento relativamente às práticas tradicionais do subgénero. Não se trata, agora, na linha de uma conceção positivista da História, que presidiu ao espírito oitocentista, de enaltecer os grandes nomes e os grandes acontecimentos. Pelo contrário, torna-se imperativo recuperar o que ficou nas mar-

gens: a gente anónima a quem ainda se não confere e reconhece, na materialidade gráfica do discurso histórico (com as conseqüentes implicações no imaginário coletivo), a devida importância na formação do que hoje somos como país e como Povo.

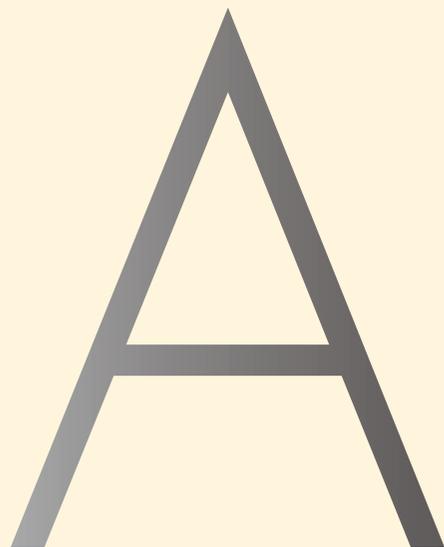
E, por isso, em *Memorial do Convento*, numa estratégia também parcialmente adotada em *História do Cerco de Lisboa*, consciente de que não pode falar de todas as vidas, «por tantas serem», o escritor deixa «os nomes escritos», pois «é essa a nossa obrigação, só para isso escrevemos, torná-los imortais», «uma letra de cada um para ficarem todos representados, porventura nem todos estes nomes serão os próprios do tempo e do lugar, menos ainda da gente, mas, enquanto não se acabar quem trabalhe, não se acabarão os trabalhos, e alguns destes estarão no futuro de alguns daqueles, à espera de quem vier a ter o nome e a profissão» (MC, p. 242).

Recupero, a propósito do modo como revisita o passado, uma citação de «História e ficção», texto publicado no *Jornal de letras, artes e ideias* de 6 de março de 1990: «Duas serão as atitudes possíveis do romancista que escolheu, para a sua ficção, os caminhos da História: uma, discreta e respeitosa, consistirá em reproduzir ponto por ponto os factos conhecidos, sendo a ficção mera servidora duma fidelidade que se quer inatacável; a outra, ousada, levá-lo-á a entretecer dados históricos não mais que suficientes num tecido ficcional

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESCRITOR



que se manterá predominante. Porém, estes dois vastos mundos, o mundo das verdades históricas e o mundo das verdades ficcionais, à primeira vista inconciliáveis, podem vir a ser harmonizados na instância narradora.»



verdade é que, como já sugeri, essa harmonização deixa de passar por um retorno e por uma recuperação pedagogicamente nostálgica do passado revisitado. O tempo perdido da nossa História torna-se agora matéria-prima de um jogo onde, tantas vezes pela ironia, se implodem sentidos canonicamente transmitidos. Para isso, tendo consciência da «nossa incapacidade final para reconstituir o passado», Saramago corrige-o, mas não, como afirma, «no sentido de corrigir os factos da História, pois essa nunca poderia ser tarefa de romancista»; corrige-o, sim, mas na medida em que introduz «nela pequenos cartuchos que façam explodir o que até então parecia indiscutível: por outras palavras, substituir o que foi pelo que poderia ter sido».

Em termos englobantes, atrevo-me a dizer que a atitude de Raimundo Silva ao grafar o «Não» na sua *História do cerco de Lisboa* especula a atitude do autor em relação aos factos veiculados pela Histórias oficiais. Um «Não», porém, que, tal como no caso do revisor, não implica uma alteração radical dos dados de que dispomos, mas que se traduz na manutenção da «mesma música, baixando de meio-tom todas as notas» (HCL, p. 254). Os ingredien-

tes a usar na reconstrução da História serão, portanto, três: as traves mestras da História nacional ou religiosa, a sua capacidade imaginativa e fontes oficiosas (Evangelhos apócrifos ou documentos de veracidade ainda não autenticada pelos historiadores). Importantíssimas estas sobre todas as outras para melhor entendermos a relação com Deus e, por consequência, com certas mentalidades conservadoras, sempre receosas dos efeitos que a obra saramaguiana pode causar...

A

questão fundamental neste ponto sobre religião é que, como afirma quando questionado sobre se atribui «à expressão mentalidade cristã, um sentido cultural» (*DJS*, p. 150), não podemos esquecer que a este deve aliar-se um sentido «ético: [...] o que respeita ao sentido dos deveres, ao sentido de determinados valores que têm uma relação mais ou menos direta com o cristianismo». Não sendo alheio a Deus «em cuja existência não crê», não ignora nem esquece a sua presença. O que o incomoda é «a presença de intermediários», que condicionam «em grande parte a nossa vida, o nosso próprio modo de pensar». E provavelmente por isso, mas não só por isso, a denegação do poder do divino passa pela assunção do poder do Homem sobre o poder de Deus. O poder de mudar a vida e o mundo, o poder de alcançar, e a manter, é o que decorre da vontade humana. A vontade que não é a alma, nem com ela deve ser confundida,

como depreendemos das palavras trocadas entre Bartolomeu Lourenço e Baltasar Sete-Sóis (*MC*, p. 123). Não por acaso, portanto, em *Memorial do Convento*, o engenho voador construído pela santíssima trindade terrestre (Bartolomeu, Baltasar e Blimunda) se eleva nos ares por causa das duas mil vontades de homens e de mulheres; vontades recolhidas por Blimunda e distribuídas pelas duas esferas da Passarola; vontades que são, afinal, o que segura as estrelas (*MC*, p. 124) e, acrescento, os livros de um autor cuja vida foi um dia assim dita por Luísa Jacobetty:

«Era uma vez um homem que nasceu numa azinhaga e se fez serralheiro, jornalista, escritor e cavaleiro. Era uma vez a gente que o amou e odiou. Era uma vez um homem que tinha um sonho e não sabia. Era uma vez uma mulher que o fez sorrir. Era uma vez um homem que escreveu um livro e o ouviu cantado em ópera. Era uma vez Blimundo. Era uma vez. Saramago» (*O Independente*, 17.05.1991).



Casa Fernando Pessoa

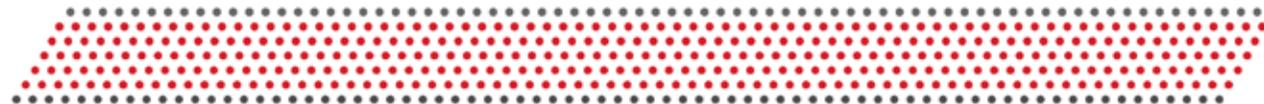


Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



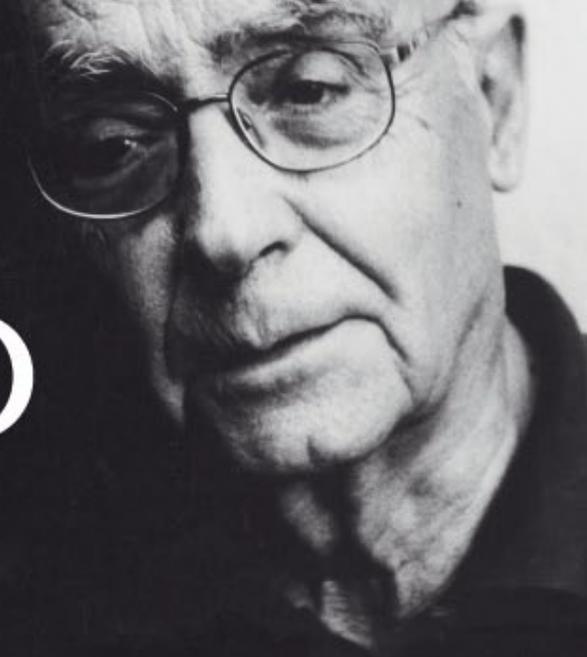
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



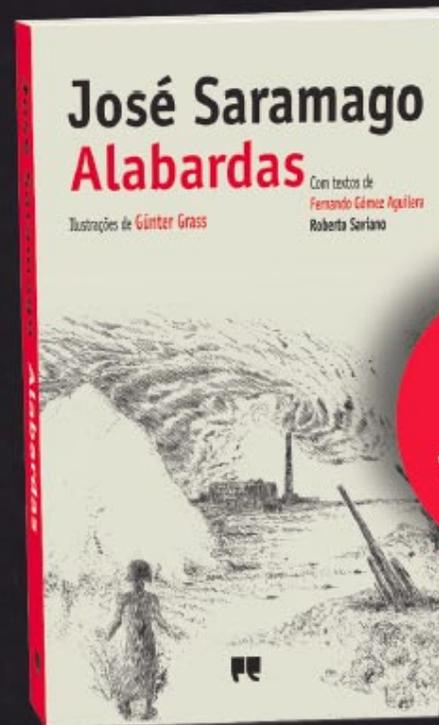
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, Cadernos de Lanzarote

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote - Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



**Até
2 jun**

Encruzilhada

Mais de setenta artistas brasileiros de diversas gerações ocupam espaços mais e menos óbvios da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, com peças, técnicas e modos de expressão heterogêneos. Rio de Janeiro, Escola de Artes Visuais.



**Até
2 jun**

Ex-Posición-Auto-Bio-Gráfica

Exposição de ilustrações, desenhos, colagens e fotografias de Antonio Muñoz von Furstenberg na galeria de exposições da livraria Panta Rhei. Madrid, Panta Rhei.



**Até
11 jun**

A Batalha de Não Sei Quê

Uma parceria entre os Artistas Unidos e o Teatro do Elétrico leva à cena um texto de Ricardo Neves-Neves onde as memórias de infância se revelam ferramentas essenciais para compreender o mundo. Lisboa, Teatro da Politécnica.



**Até
30 jun**

Pintura Nórdica

Exposição coletiva que percorre a pintura de países nórdicos, com destaque para a Suécia e a Noruega, Buenos Aires, Museo Nacional de Bellas Artes.



**Até
5 jul**

DocFiel 15: Lamento Borincano

Reportagem fotográfica de Joan Guerrero, inserida no Festival de Fotografia Documental de Barcelona, onde se mostram as fotografias tiradas na província de Chimborazo, no Equador. Barcelona, Barcelona Visions.



**22 a
24 mai**

**Festival
Literário
da Gardunha**

Segunda edição
de um festival que
reúne escritores,
pensadores e
artistas de várias
expressões
no cenário
incomparável da
serra da Gardunha.
Fundão, vários
lugares.

→●

**22 a
24 mai**

Panos

Décima edição
do festival Panos
– Palcos novos,
palavras novas,
onde textos
inéditos são levados
à cena por jovens
intérpretes.
Lisboa, Culturgest.

→●

**29 mai
a 14 jun**

**XI Festival
Internacional
de BD de Beja**

Nova edição de
um dos festivais de
banda desenhada
mais interessantes
da Península
Ibérica, desta vez
com convidados
como Marcello
Quintanilha, Yslaire,
Ted Benoit ou
Stanislas.

Beja, vários locais.

→●

**29 a
31 mai**

**Serralves
em Festa**

A edição deste
ano do Serralves
em Festa volta a
colocar público e
artistas partilhando
espaços e
momentos, abrindo
a sua programação
a locais fora do
Museu de Serralves.
Porto, vários locais.

→●

**30 mai
a 25 jun**

Periferias

Exposição de
esculturas de Carlos
No, refletindo
sobre o centro
e a periferia
não apenas no
espaço urbano,
mas igualmente
no espaço social,
cultural e político.
Tondela, Novo Ciclo
ACERT.

→●

Blimunda, Número especial

anual / 2014, em papel.

disponível nas livrarias

portuguesas.

Encomendas através do site

loja.josesaramago.org

